

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAELLA SCHMITZ DOS SANTOS

**A Jornada de Pampineia em O Decamerão: Peste, Conduta e Trauma na criação de  
uma utopia?**

FLORIANÓPOLIS  
2021

RAFAELLA SCHMITZ DOS SANTOS

**A Jornada de Pampineia em O Decamerão: Peste, Conduta e Trauma na criação de  
uma utopia?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para  
obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História.  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de  
História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Dias da Silveira.

FLORIANÓPOLIS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Rafaella Schmitz dos

A Jornada de Pampineia em O Decamerão : Peste, Conduta e Trauma na criação de uma utopia? / Rafaella Schmitz dos Santos ; orientadora, Aline Dias da Silveira, 2021.

77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. Decamerão. 3. Utopia. 4. Idade Média. 5.  
Trauma. I. Silveira, Aline Dias da. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



### ATA DE DEFESA DE TCC

No dia 22 do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e um, às 18:30 horas, na sala por meio do ambiente virtual, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof<sup>a</sup>. **Aline Dias da Silveira** (Orientadora e Presidente); Profa. **Janaina de Fátima Zdebski** (membro); Prof. **Daniel Lula Costa** (membro), designados pela Portaria Tcc nº 25/HST/CFH/2021, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Rafaella Schmitz dos Santos**, intitulado: **"A Jornada de Pampineia em O Decamerão: Peste, Conduta e Trauma na Criação de uma Utopia?"**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidenta, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, ela prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof<sup>a</sup>. **Aline Dias da Silveira**, nota **10**, Prof. **Janaina de Fátima Zdebski**, nota **10**, Prof. **Daniel Lula Costa**, nota **10**, sendo a acadêmica aprovada com a nota final **10**. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 29 de setembro de 2021. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 22 de setembro de 2021.



Documento assinado digitalmente  
Aline Dias da Silveira  
Data: 23/09/2021 09:29:55-0300  
CPF: 899.816.810-49  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof<sup>a</sup>. (Orientadora):.....



Documento assinado digitalmente  
Daniel Lula Costa  
Data: 23/09/2021 16:30:29-0300  
CPF: 045.277.789-08  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. (Membro):.....

Prof.(Membro):.....



Documento assinado digitalmente  
Janaina de Fatima Zdebski  
Data: 23/09/2021 11:13:27-0300  
CPF: 068.305.249-92  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

(Candidata):.....



Documento assinado digitalmente  
Rafaella Schmitz dos Santos  
Data: 23/09/2021 12:04:02-0300  
CPF: 078.518.098-10  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) **Rafaella Schmitz dos Santos** matricula n.º 15.201.366, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "A Jornada de Pampinéia em O Decamerão: Peste, Conduta e Trauma na criação de uma utopia?", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 27 de Setembro de 2021.



Documento assinado digitalmente  
Aline Dias da Silveira  
Data: 27/09/2021 11:02:54-0300  
CPF: 899.016.810-49  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

A escrita deste trabalho só foi possível, indubitavelmente, por conta das pessoas que a fortuna colocou no meu caminho. Por isso, primeiramente, agradeço à fortuna pela quantidade de encontros ricos que tive a oportunidade de vivenciar nesta Jornada chamada vida. Antes de escrever este trecho, talvez eu não tivesse parado pra pensar tão a fundo no fato de que a maior riqueza da minha vida reside em todos estes encontros.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Leonardo de Lara Cardoso, meu querido amigo medievalista, o primeiro a me incentivar a participar do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais – Meridianum, nos idos de 2016. Também foi o Leo, que despretensiosamente me emprestou uma versão do Decamerão, nas férias de verão daquele mesmo ano, no auge do meu terceiro período da faculdade de História, junto com tantas outras sugestões de leitura. Se o Leo não tivesse cruzado meu caminho, provavelmente este trabalho não existiria. Também foi ele que me incentivou, junto com o Rodrigo Prates de Andrade, num debate acerca de possibilidades de pesquisa, a continuar desenvolvendo as ideias aqui presentes, no início de 2017, quando eu achava que talvez, tais análises não fossem tão interessantes. Obrigada, colegas!

Além deles, gostaria de agradecer aos meus e minhas colegas do Meridianum pelas ricas discussões acerca de uma Antiguidade e Idade Média viva, rica e inspiradora, tão inspiradora quanto vocês: Rodolpho Bastos, Amanda Muniz, Janaína Zdebskyi, Raísa Sagredo e Bianca Schmitt. Certamente, a inspiração que vocês me proporcionaram extrapola os limites dos debates históricos - se é que existem tais limites - circunscritos no laboratório de estudos, já que não foram só nossos debates acadêmicos que suscitaram tal inspiração, mas toda a vivência e companheirismo extra disciplinar, num tempo em que poderíamos estar mais próximos. Cada segundo do tempo que passamos fora da academia me ensinou tanto ou mais do que aprendi lá. Obrigada.

Tratando-se ainda de inspiração, não poderia deixar de mencionar o Lucas Tubino Piantá, meu grande amigo, historiador e inspiração de ser humano e humanidade. Obrigada por ter cruzado o meu caminho e compartilhado comigo os teus valores, tão difíceis de se encontrar nos dias de hoje. Tua serenidade, resiliência e perseverança me inspiram.

Ao Daniel Lula Costa, que além de ser também, amigo do Meridianum, é companheiro dos estudos de literatura italiana a partir de Dante Alighieri, autor de grande inspiração para Giovanni Boccaccio, assim como também é o Dani para mim. Durante minha ida à Itália em 2019, foi o Dani quem me recebeu na cidade Bologna durante seu doutorado e me acompanhou num *tour* histórico, na Universidade de Bologna, Igrejas, Templos e Praças frequentadas pelos nossos autores de estudo. Foi também ele que me incentivou a passar em Certaldo, cidadela medieval onde se situa a casa de Boccaccio e seu túmulo. Eu quase desisti de ir, porque minha viagem já estava chegando ao fim e eu não havia encontrado nenhum hotel ou hospedaria, além de não ter encontrado, àquela altura, bons horários para me transportar de trem até lá. Obrigada, Dani, além de tudo, pela insistência, porque quando eu saí de lá, tive a certeza de que a minha viagem não teria sido a mesma se não tivesse ido.

Agradeço também aos meus professores de História da época da escola, Thiago Sobreira Vailati Silva e Rafael Benassi, que inspiraram a minha escolha em ser uma historiadora, através das aulas encantadoras e perspectivas críticas acerca do mundo e da história. Uma transformação crítica ocorreu em mim neste período, entre 2012 e 2015 e foi com a ajuda de vocês que desenvolvi também, os pilares da minha perspectiva crítica acerca do mundo. Obrigada.

Gostaria ainda de reservar um espaço especial para agradecer também às minhas queridas amigas medievalistas que tenho tanto orgulho: Tatiane Santos e Luciana de Souza. A Idade Média me trouxe vocês de presente numa ABREM despretenhosa em 2017. Mesmo considerando a distância, vocês sempre foram ponto de estímulo e iluminação. Vocês, como bem sabem, para mim são musas, como aquelas narradas por Homero, nascidas provavelmente de Zeus e Mnemosine, em complemento às outras 9 musas que já existem.

Em quesito de estímulo, ainda resta o Paulo Martins, amigo querido que a vida me trouxe. O Paulo não é historiador, mas bem que poderia ser, ele adora contar histórias e ouvi-las também. É amigo para todas as horas, todos os momentos e para todos os conselhos. Lembro-me de ter dito a ele um dia, acometida por uma espécie de melancolia que me afligia: “Paulo, acho que eu não consigo terminar o meu trabalho”, referindo-me à presente pesquisa. E ele me disse: “Eu acho absurdo que você, que é tão capaz, fale isso de si mesma. Não posso concordar.”. Obrigada Paulo, por não concordar comigo naquele momento e em todos os

outros que você considerou necessário trazer uma perspectiva oposta. Em todos os momentos da continuação da escrita deste trabalho, sua frase esteve presente.

À Aline Dias da Silveira, que é a minha mestra-guia. Aline, minha jornada enquanto historiadora e medievalista deve-se muito à você. Antes de entrar na faculdade, eu fui à Universidade assistir algumas aulas de história e, para minha alegria, naquele dia as aulas da turma em que entrei seriam ministradas pela Aline. Não restaram dúvidas, para mim, de que aquele seria o caminho que eu queria seguir a partir daquele dia. A Aline faz com que seja possível sentir a presença do passado, ao passo que constrói em seus/suas estudantes, a sensação de pertencimento histórico considerando um mundo híbrido. Elementos que são inconscientes, que estavam adormecidos ou eram, até então, inexplicáveis, se tornam conscientes e começam a fazer sentido. As aulas da Aline possibilitam a viagem no tempo e no espaço sem sair do lugar, o encontro com um outro, tão antigo, que faz parte de nós ao mesmo tempo é o encontro da alteridade com a identidade.

Já na terceira fase do curso de História, a Aline me escolheu para ser monitora dessa mesma disciplina e a partir daí, toda a minha afinidade com a Idade Média se expandiu. Além de minha mestra, a Aline é minha amiga e minha guia. Ela é presença divina e radiante. Ela é a facilitadora dos caminhos, que propiciou e me guiou nas viagens no subterrâneo enterrado da humanidade, tornando-os mais inteligíveis e acessíveis para que possam renascer. Obrigada, Aline, por ser a deusa dos caminhos, iluminar as encruzilhadas, por vezes também extra acadêmicas e possibilitar o meu renascimento que deu vida a este trabalho.

À minha mãe Karina, ariana digna de seu signo, inteligente, guerreira, batalhadora, corajosa, autêntica, crítica, detalhista, criteriosa, franca, conselheira e independente, que se surpreenderá com a quantidade de elogios, visto que eu sempre brinco com ela sobre os pontos negativos de áries: Você é minha fonte de inspiração maior e é a minha heroína. Sem a sua ajuda, paciência e incentivo, nada na vida teria sido possível. Você é ponto de equilíbrio, é cosmologia ordenada em meio ao caos do universo. Não poderia existir eu, sem você. Obrigada por tudo.

Mencionar vocês é uma tentativa, sobretudo, de eternizá-los. Na impossibilidade de fazê-lo através dos mecanismos finitos da memória individual, que seja isso possa ser feito, pelo menos, através dos escritos.



## RESUMO

Analisaremos a obra “O Decamerão”, escrita por Giovanni Boccaccio entre 1348 e 1353 enquanto uma literatura que permeia problemas e acontecimentos que se passaram na vida cotidiana e simbólica da sociedade medieval florentina. Analisaremos, mais especificamente, o próêmio e a Jornada de Pampineia, onde a obra se estrutura a partir da decisão que dez personagens tomam de se retirarem para fora dos muros da cidade em decorrência da peste bubônica. Buscamos analisar, a partir da fonte, quais as justificativas para a eclosão da peste, como a sociedade lidou com ela neste período e quais as estratégias sugeridas para sobreviver neste contexto. Metodologicamente, analisaremos a obra através da perspectiva de Reinhart Koselleck (2006) acerca do espaço de experiência e horizonte de expectativa, mas aplicados à Idade Média. Demonstraremos como a peste bubônica, sendo a presentificação do castigo divino, incitado pela má conduta do *corpus* social, desencadeia um trauma de longa duração que possibilita a construção de uma utopia no Decamerão. Tal utopia, articulada através de uma diversidade cultural própria da Idade Média, parece sugerir a modificação do comportamento social e institucional, de forma a garantir a sobrevivência humana.

**Palavras-chave:** Decamerão. Peste. Trauma. Utopia. Idade Média.

## ABSTRACT

We analyze in this research the work "The Decameron" written by Giovanni Boccaccio between 1348 and 1353, as a literature that permeates problems and events that took place in the daily and symbolic life of medieval Florentine society. We will analyze, more specifically, the proem and the Journey of Pampinea, where the work is structured from the decision that ten characters take to retreat outside the city walls, as a result of the bubonic plague. We seek to understand, from the source, what are the justifications for the plague's outbreak, how society dealt with it, and what strategies were suggested to survive in this context. Methodologically, we will utilize Reinhart Koselleck's theory about the space of experience and horizon of expectation, but applied here to the Middle Ages. Thus, we seek to demonstrate how the bubonic plague, being the presentification of God's punishment, incited by the misconduct of the social *corpus*, triggers a long-lasting trauma that enables the construction of a utopia in The Decameron. Such utopia, articulated through a cultural diversity typical of the Middle Ages, seems to suggest the modification of social and institutional behavior, in order to guarantee human survival.

**Key-words:** Decameron. Plague. Trauma. Utopia. Middle Ages.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>A SOCIEDADE FLORENTINA E O CENÁRIO DO DECAMERÃO</b>	<b>18</b>
A PESTE COMO FORÇA MOTORA	25
RELAÇÕES ENTRE A PESTE E A CONDUTA SOCIAL	33
<b>O CASTIGO DIVINO ENQUANTO EXPERIÊNCIA HISTÓRICA</b>	<b>42</b>
QUANDO O “TRAUMA” IRROMPE NO PRESENTE	48
<b>O DECAMERÃO COMO UTOPIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA</b>	<b>56</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

*“O apetite do ser humano não se contenta  
dentro de nenhum limite; deseja sempre  
ultrapassar o ponto em que se encontra”*  
(Giovanni Boccaccio)

Sempre estranhei o mundo ao pensar que existiram pessoas diferentes de mim, o que me levou a tentar entendê-las através da história. No entanto, este estranhamento provocou maior inquietude quando me deparei com o período que se convencionou chamar de Idade Média. O lugar comum da “Idade das Trevas”, de um mundo desinteressado pelo conhecimento, contaminado pela banalização da brutalidade cotidiana e por isso estagnado e imóvel veio até mim, fazendo com que eu questionasse a razão pela qual as pessoas que lá viveram poderiam ter sido conformadas com o próprio destino, desprovidas de vontades, desejos ou angústias. Como, questionei-me, independentemente do tempo e do espaço, alguém poderia viver sem perspectivas? Acredito que estas questões foram os meios pelos quais se tornou possível estabelecer um diálogo com Giovanni Boccaccio e sua obra, o Decamerão.

Segundo Giuseppe Bonghi, Boccaccio nasceu entre os meses de junho e julho de 1313 numa cidadela chamada Certaldo, situada no caminho entre as cidades de Florença e Siena, onde, atualmente, encontra-se seu túmulo.<sup>1</sup> Filho de um rico mercador conhecido pelas fontes, como Boccaccio di Chellino (Boccaccino) com uma mulher que “vem sendo sempre ignorada diante dos documentos oficiais que trazem informações sobre sua família”<sup>2</sup>, foi muito influenciado por Boccaccino a seguir o caminho do comércio, ampliando desde cedo

---

<sup>1</sup> Giuseppe Bonghi é fundador da Biblioteca dos Clássicos italianos, tendo a partir daí, contato com a biografia de Giovanni Boccaccio feita por Vittore Branca, “*Giovanni Boccaccio: profilo biografico*” e publicada em 1977.

<sup>2</sup> Tradução nossa da biografia escrita por Giuseppe Bonghi, disponível em: “[...] *che viene sempre ignorata anche dai documenti ufficiali che riguardano la sua famiglia*”. BONGHI, Giuseppe. Biografia di Giovanni Boccaccio. *Classici Italiano*, 2000. Disponível no primeiro acesso em: [http://www.classicitaliani.it/bonghi/bonghi\\_biografia\\_boccaccio.htm](http://www.classicitaliani.it/bonghi/bonghi_biografia_boccaccio.htm) e posteriormente transferida ao servidor Francesco, disponível em: <http://francesco.serveftp.com/bios/bio0801.htm>. Acesso em: 25 de agosto 2021.

seus contatos políticos e desenvolvendo seu discernimento econômico acerca da dinâmica das regiões italianas, envolvidas em um contexto supranacional e por este motivo, complexo.<sup>3</sup>

Por outro lado, sabe-se que Boccaccio se encantou pela leitura e pela escrita desde cedo, tendo já aos seis anos se dedicado ao estudo do latim, impulsionado por Giovanni Mazzuoli da Strada. Mazzuoli era conhecedor das narrativas e poesias, elementos que parecem ter composto os pilares dos quais edificaram, portanto, o interesse de Giovanni Boccaccio por estes estudos. Por isso, na presente pesquisa, considera-se que a diplomacia e a erudição parecem compor o pano de fundo da vida do autor.

A maior parte de sua adolescência se passa em Nápoles, quando entre 1325 e 1327 é enviado, enquanto aprendiz financeiro, para a corte de Roberto d'Anjou, de codinome "O Sábio".<sup>4</sup> <sup>5</sup> É por conta desta estadia que Boccaccio passa a ter contato com as mais diversas regiões e tomar conhecimento das dinâmicas de "diversos reinos do ocidente e também do oriente, podendo perceber uma humanidade heterogênea, viva e apaixonada: gente do mar, grandes homens de negócio, burgueses, populares."<sup>6</sup> Na corte, mediante o contato e convívio com o rei Roberto, foi ainda considerado "*consiliarius, cambellanus, mercator, familiaris et fidelis noster*"<sup>7</sup>, e este envolvimento com a corte intensifica, na vida do autor, sua constituição enquanto erudito e seu interesse por temáticas que o acompanham pelo resto de sua vida e que por conseguinte, estão presentes em suas obras.

Apesar de sua formação cristã, a mescla entre seus estudos e sua experiência o inseriram numa heterogeneidade cultural marcada por um intenso movimento do saber que conectou oriente e ocidente desde a Antiguidade e passa a reestruturar a filosofia medieval a

---

<sup>3</sup> A partir "da metade do século XII, a península italiana pertence de direito a duas autoridades com vocação universal: o império e o papado. [...] essas entidades exercem uma autoridade parcial sobre os territórios submetidos e devem negociar de acordo com a situação política ou de acordo com novas instituições: movimento comunal ao norte e instalação durável dos normandos ao sul da península", tensões que perduram até a metade do século XIV e influenciam a dinâmica e constituição das sociedades italianas do período. In: GILLI, P. Op. cit., p. 23.

<sup>4</sup> BRANCA, Vittore. Boccaccio medievale. 4 ed. Firenze: Sansoni, 1975.

<sup>5</sup> Roberto de Anjou foi lembrado como um homem sábio, pelo comprometimento com as artes e com a estrutura simbólico-religiosa do reino. Foi líder dos guelfos e se envolveu diretamente com a política Florentina. "A corte de Nápoles atingiu um grande brilho sob o seu reinado. O rei Roberto transformou Nápoles com a construção de edifícios, como palácios e igrejas suntuosas. Ele era um homem culto e foi chamado de "Roberto, o sábio". In: ALMEIDA, Ana Carolina Silva. A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média - o exemplo do Decamerão e do De mulieribus claris de Boccaccio (Florença - século XIV). 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 34.

<sup>6</sup> ORLANDI apud ZATTERA, op. cit., p.13, 2014

<sup>7</sup> "Nosso fiel conselheiro, camareiro e mercador familiar" tradução nossa. In: BONGHI, Giuseppe. Op. cit., 2000.

partir das traduções de textos antigos, que provém da movimentação em torno das escolas de tradução de textos que se intensificam, ao que se sabe, pelo menos, desde o século IX com a Escola de Bagdá e com o desenvolvimento da *translatio studiorum*<sup>8</sup>.

Por isso, apesar do interesse de seu pai para que Boccaccio se tornasse um mercador, certamente o que se consumou com maior proeminência na vida do autor foi o caminho das letras. Giovanni Boccaccio vai compor o *trivium* do Trecento italiano (século XIV) ao lado de Petrarca e Dante, sendo reconhecido por sua estrutural mudança na arquitetura narrativa da época e pela estruturação e disseminação da língua vulgar italiana. Foi por isso, identificado pela historiografia posterior, enquanto um componente importante no Renascentismo italiano.

Assim como Amanda Cristina Zattera, nesta análise não vamos considerar Boccaccio enquanto um “homem a frente de seu tempo”<sup>9</sup>, mas sim, como um homem de seu próprio tempo, um tempo dinâmico e por conseguinte, cheio de anseios, expectativas e objetivos, que influenciam totalmente a sua escrita, considerando seu próprio contexto a partir de elementos que se estruturam numa longa duração, antes dele.

A constituição erudita do autor se estrutura no seio da sociedade medieval através de um processo que identificamos aqui como transculturação, onde sua percepção de mundo é modificada toda vez que entra em contato com diferentes grupos e dinâmicas sociais, caracterizando assim, um movimento na construção do saber medieval, que é próprio do contexto do qual se trata.<sup>10</sup> Como relembra Régine Pernoud, ao tratar da literatura medieval:

“Para nós, uma obra literária é coisa pessoal e imutável, fixada na forma que o seu autor lhe deu; daí a nossa obsessão do plagiato. Na Idade Média, o anonimato é corrente. Sobretudo, uma ideia, uma vez emitida, pertence imediatamente ao domínio público; passa de mão em mão, ornamenta-se com mil fantasias, sofre todas as adaptações imagináveis, e só cai no esquecimento quando dela se esgotaram os múltiplos aspectos. O poema leva uma vida independente da do seu criador; é coisa móvel, e renascendo

---

<sup>8</sup> O conceito de *translatio studiorum* diz respeito ao movimento do saber na Idade Média. Vamos desenvolver este conceito a partir da historiografia no primeiro capítulo desta pesquisa.

<sup>9</sup> ZATTERA, A. Op. cit., p. 8.

<sup>10</sup> No artigo “Política e magia em Castela (século XIII): um fenômeno transcultural”, Aline Dias da Silveira recupera o debate desenvolvido por Michael Borgolt acerca do conceito de “transculturalidade” para analisar o medievo sob a ótica do encontro e da fusão de diversas culturas. Ele viria para substituir “conceitos de interculturalidade ou multiculturalidade, pois ainda se pressupõe neles a identificação de culturas separadas que interagem ou convivem. Por isso, o conceito mais adequado para falar de relações culturais seria o da transculturalidade, já que esse abrangeria elementos culturais fusionados. Borgolte acrescenta, ainda, que a velha integração ou separação das culturas deveria ser substituída pelo entendimento do enredamento ou entrelaçamento.” In: SILVEIRA, Aline Dias da. Política e magia em Castela (século XIII): um fenômeno transcultural. Topoi, Rio de Janeiro, 20 (42), p. 608, Dezembro, 2019.

incessantemente; qualquer descoberta é retomada, modificada, amplificada, rejuvenescida, com o movimento e a animação que caracterizam a vida.”

Sendo assim, abandonar a perspectiva transcultural seria não fazer jus a esta multiplicidade vital constituída num emaranhado de relações.<sup>11</sup> Se considerada tal perspectiva transcultural, a experiência de Boccaccio confirma que não é possível tratar de uma imobilidade ou estagnação do conhecimento neste período uma vez que o movimento do saber foi constante em todos os espaços da Idade Média, edificando e sendo, por isso, base das próprias produções do autor.

O Decamerão, obra literária escrita entre 1348 e 1353 é fruto de uma movimentação de longa duração, no que se percebem questões filosóficas transculturais em sua construção, podendo mencionar, por exemplo, o impacto da filosofia árabe na obra, no que também se verá no primeiro capítulo de forma abrangente.<sup>12</sup> A obra é considerada na presente pesquisa enquanto uma narrativa que permeia problemas e acontecimentos que se passariam na vida cotidiana e simbólica da sociedade medieval do espaço que hoje conhecemos como Itália e, mais especificamente, em Florença. O Decamerão presencia o cenário mórbido da peste bubônica, também conhecida e retratada por ele como “peste Divina” que assolou boa parte da extensão territorial que compõe a Eurásia, instaurando um cenário de imaginação e medo. A análise deste cenário levou parte da historiografia moderna a considerar este período decadente e estagnado, alongando a interpretação de uma Idade Média obscura, já que a simples entrega da vida frente às más circunstâncias parecia ser a única solução na análise das fontes quatrocentistas.

Ao analisar a linguagem do Decamerão, Alcebiades Martins Arêas e Delia Cambeiro Praça se questionaram porque, nesta época, “escritores e artistas, todos arquitetos do Belo, se deixam atrair pelo tema da peste ou da doença?”<sup>13</sup>, propondo a reflexão de que isso aconteça porque talvez, “por serem tais catástrofes a evidência objetiva do nosso existir fadado à renovação, à luta. Ou ainda por lembrar através da dor uma possível condição de mítica

---

<sup>11</sup> PERNOUD, Régine. *Lumière du Moyen Age*. trad. Manuel de Almeida Gonçalves. Sintra: Publicações Europa-América, p.115, 1981.

<sup>12</sup> ALMEIDA, Ana Carolina Lima. Os muçulmanos e o quatrocentona de Giovanni Boccaccio. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia Bomfim; ABRANTES, Elizabeth Souza (orgs.). *Nas trilhas da Antiguidade e Idade Média*. São Luís: Ed. UEMA, p. 65-72, 2014.

<sup>13</sup> In: ARÊAS, A. M.; PRAÇA, D. C. *Reflexões linguístico-literárias em o Decameron, de Giovanni Boccaccio*. *Medievalis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.53, 2021.

felicidade perdida”<sup>14</sup> mas que na perspectiva do presente trabalho, ainda existe em algum lugar. Por isso, se para alguns a aceleração do tempo histórico só pode ser percebida na escrita da história com a chegada da modernidade, O Decamerão possibilita a constatação de que um “agir para o futuro”, tomando como referência o passado, torna-se imprescindível no entendimento do contexto em que se insere a obra quando, no decorrer das novelas “as personagens do Decamerão propõem uma reflexão acerca do comportamento dos florentinos na sociedade urbana”.<sup>15</sup>

Nossa documentação constitui-se em uma narrativa construída a partir da decisão que dez personagens nobres, jovens e cristãos – sete mulheres e três homens –, em decorrência do cenário pestilento e vicioso, que é entendido dentro da perspectiva do “castigo divino”, tomam de retirarem-se para fora dos muros da cidade. A justa cólera divina parece ser na obra um castigo de Deus para aqueles que não agem virtuosamente, numa relação de concomitância entre conduta e fé, o que faz que a narrativa pareça revestir-se de crítica à ordem social.

Ao se retirarem, os personagens se deparam com um grande castelo e lá decidem instalar-se. Há belas decorações, fartos banquetes e lindos bosques. No castelo não havia espaço para a paisagem melancólica dos cadáveres, do medo e dos que desperdiçam a vida, tampouco se escutavam as intempéries das procissões. Lá havia o riso, a celebração da vida, o cântico dos pássaros e da natureza. Para a presente análise, o mundo ao contrário é parte da estruturação de uma utopia, que é edificada sobre as perspectivas filosóficas que concorrem de oriente a ocidente e são determinantes para a reestruturação da sociedade.

A narrativa se desenvolve a partir de dez dias da estadia destes personagens no castelo. Cada dia, um personagem diferente é escolhido para reinar e coordenar os afazeres dos demais, devendo haver um momento específico em que todos eles se sentam em círculo e narram novelas que sejam aprazíveis ao espírito, circundando uma temática em comum.

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Diante de tantas generalizações sobre a Idade Média, mesmo entre medievalistas, gostaria de evidenciar que a questão do tempo e da escrita da história é muito mais complexa, como se tem colocado até agora sobre a História como “mestra da vida” ou como um “tempo desacelerado” da Idade Média. Cuidar com as generalizações e evidenciar esse cuidado é importante para que seja possível demonstrar que além de considerar a historicidade de cada fenômeno histórico, é necessário olhar por uma perspectiva menos cartesiana sobre os fenômenos sociais. Saliento, portanto, que tais fenômenos, experienciados através da consciência histórica, percorrem gerações e se transformam, sobretudo, pela necessidade de novas explicações frente a novos contextos sociais e políticos, mas que não estão desconectados em função da divisão exacerbada dos períodos históricos.



Portanto, somam-se dez jornadas – correspondentes aos dez dias –, contendo dez novelas cada – uma por personagem –, somando-se cem narrativas.

Esta análise se concentra na Jornada de Pampineia, isto é, a primeira Jornada do Decamerão, contendo o proêmio enquanto uma introdução, que explica a motivação do autor para a escrita da obra, além da motivação dos personagens em partirem para o referido cenário, junto de uma jornada de um dia que inclui a narrativa de dez novelas, que narram acerca da conduta do *corpus* social do contexto. O proêmio aponta ainda para aspectos essenciais do contexto em que a obra se estrutura justificando sua existência a partir de elementos como a melancolia, a peste, a desordem e o caos, contrastando-se do cenário que considero utópico, ao qual se dirigem os personagens. Já as dez novelas apontam para outro elemento de minha análise: a crítica à conduta dos grupos essencialmente cristãos, cujos vícios não só tem paralelos no passado, como parece contribuir essencialmente para dar sentido ao presente na explicação do “castigo divino”. A fim de antecipar possíveis questionamentos, gostaríamos de salientar que a escolha da primeira jornada para este trabalho teve sua origem a partir de três aspectos:

1. Justamente por ser a primeira jornada da obra e não poder se dissociar do proêmio escrito por Boccaccio, esta jornada explica todo o contexto da obra e a partir de como ela se estrutura. Não é possível compreender o Decamerão sem mencionar a Jornada de Pampineia, já que estão ali os elementos fundadores da narrativa, justamente por ser a que inaugura todo o resto.
2. A Jornada de Pampineia é a única, no Decamerão, que não deixa claro qual era a temática a partir da qual os personagens deveriam compartilhar narrativas, justamente por ser o primeiro dia dos personagens no mencionado castelo. Isso nos aguçou certa curiosidade e, por conta disso, buscamos entender os elementos norteadores desta primeira narrativa, a fim de identificar algum aspecto de semelhança entre eles. Nossa pergunta central, considerando tal curiosidade, foi: “Será que Boccaccio realmente deixaria em aberto, sem nenhuma razão de ser, a temática que inaugura a primeira Jornada de sua obra? Esta questão não é ainda nossa problemática, mas é uma questão que buscamos responder no desenvolvimento desta análise.

3. Não poderíamos, em função do tempo, abordar toda a obra do Decamerão pela característica extremamente complexa e rica da obra. Trata-se de um retrato rico, mas não totalizador, da sociedade medieval, considerando a tradição oral e a tradição escrita em concomitância. No que diz respeito a este ponto, esperamos ter a oportunidade de desenvolver reflexões futuras acerca das outras Jornadas, que poderão complementar e complexificar esta análise.

Antes de explicar a estrutura da presente pesquisa, também gostaríamos de discorrer brevemente acerca do contexto de elaboração e desenvolvimento deste trabalho, uma vez que a máxima de que todo trabalho de história é produto também, de seu próprio tempo, é considerada e consolidada na historiografia de forma geral.

Começamos a análise da fonte de forma despretensiosa em 2017. Produzimos, portanto, alguns trabalhos para apresentação nacional, em alguns estados brasileiros a partir deste ano, os quais foram enriquecendo nossos questionamentos acerca da obra. Já em 2018, o tripé mencionado no título deste trabalho, baseado nas categorias de análise “conduta, trauma e utopia” já estava construído. Por razões de força maior, esta pesquisa perdeu fôlego a partir do ano de 2019, ano que, curiosamente, tivemos contato com a materialidade da figura histórica de Boccaccio por conta de uma viagem para a Itália, mais especificamente, para Certaldo, cidade de Boccaccio, mas também um ano em que muitos historiadores e historiadoras brasileiros estavam tentando conceber o que o cenário político, incerto, aguardava para nós.

A problemática desta pesquisa não teria sido deixada de lado, mas o questionamento sobre sua relevância - que por muitas vezes, aflige os historiadores - já havia sido realizado, seja por conta das incertezas do futuro ou por outra razão.

Curiosamente, durante o ano de 2020 instaurou-se a pandemia da COVID-19. Este trabalho, portanto, não é fruto desta pandemia, mas retoma seu fôlego neste contexto. Podemos dizer, enquanto testemunhas deste contexto, que é e foi, de certa forma, assustador constatar como determinadas pautas se repetem, historicamente, na explicação de fenômenos que num primeiro momento parecem inexplicáveis à humanidade. Pudemos sentir a materialidade dos conceitos utilizados neste trabalho e de certa forma, perceber a característica cíclica da história. Se pudermos escolher uma metáfora, nos arriscaremos a

definir a sensação a partir de uma viagem no tempo, mas sem sair do lugar. Se não por metáforas, podemos dizer que esta foi uma experiência quase que indescritível.

Elucidando a problemática, que se tornou também, de alguma forma, mais presente do que nós imaginávamos, buscaremos entender qual a justificativa para a eclosão da peste ou como ela era entendida pelos medievais, como Giovanni Boccaccio lidou, a partir da obra, com o evento catastrófico ocasionado pelo cenário pestilento, e se houve alguma sugestão de como reverter este cenário por parte da fonte. Neste sentido, gostaríamos de entender a realidade histórica deste período através da tensão entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa da fonte.

Partindo de uma perspectiva hermenêutica, no primeiro capítulo, intitulado “A Sociedade Florentina e o Cenário do Decamerão” buscamos:

1. Relacionar o contexto acerca do desenvolvimento histórico da cidade de Florença a partir da historiografia, considerando principalmente o trabalho “Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: séculos XII-XIV” de Patrick Gilli<sup>16</sup> acerca do contexto italiano, no intuito de compreender o próprio contexto da fonte, além de outros trabalhos que especificam o contexto;
2. Analisar a condição da peste bubônica enquanto motor do agir humano que influencia a escrita da obra por Giovanni Boccaccio e, conseqüentemente, a ida de seus personagens ao castelo.
3. Analisar quais as justificativas para a eclosão da peste bubônica na perspectiva da fonte através da articulação entre os elementos “peste” e “conduta”, analisando as novelas narradas pelos personagens.

No segundo capítulo, buscamos averiguar dois aspectos:

1. Ainda de forma hermenêutica, a presença de uma longa duração na explicação da peste através da articulação entre “conduta” e “castigo divino”, verificando os usos dessa perspectiva desde o início da Idade Média até os dias de Boccaccio, utilizando-nos especialmente da historiografia brasileira, com grande ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo, onde foram desenvolvidas análises das mais variadas formas de conduta no período.

---

<sup>16</sup> Cf. GILLI, Patrick. Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: séculos XII-XIV. São Paulo: Unicamp, 2011.

2. Num formato mais heurístico, analisar como o castigo divino, por ser um fenômeno de longa duração, acaba se transformando num evento traumático da consciência histórica medieval, discutindo o conceito de trauma enquanto peça chave para a compreensão do espaço de experiência histórico da fonte. Para isso, as considerações desenvolvidas no livro pioneiro acerca da temática do trauma na Idade Média, intitulado “Trauma in Medieval Society”, especialmente desenvolvidas por Walton O. Schalick, Donna Trembinski e Wendy J. Turner nos ajudaram a realizar esta análise.<sup>17</sup>

Ao final do segundo capítulo, deixaremos uma fresta para a discussão que se desenvolverá no terceiro capítulo, acerca da configuração da utopia de Boccaccio, que por sua vez, será destrinchada de forma hermenêutica e heurística, ao considerarmos elementos do próprio contexto medieval, dentro de uma categoria de análise inaugurada propriamente por Thomas Morus na modernidade: a utopia.<sup>18</sup>

Jean Delumeau ao estudar sobre a História do Medo no Ocidente considera que “viver sem projeto não é humano”.<sup>19</sup> Neste sentido, ainda no terceiro capítulo, busco refletir sobre os elementos históricos que impulsionaram Boccaccio a superar ou ultrapassar o ponto em que se encontrava<sup>20</sup> através da narrativa, identificando quais elementos fazem parte de seu horizonte de expectativa, sugerindo a centralidade destes elementos no conceito de utopia.

Nos utilizaremos das considerações de Hilário Franco Jr. considerando a análise das utopias medievais e suas características, no intuito de analisar o cenário do Decamerão a partir dos elementos já estudados por Franco Jr.<sup>21</sup> Além disso, analisaremos a construção da narrativa através de um entrelaçamento de temporalidades aos termos metodológicos que Reinhart Koselleck propõe, ainda que discordando do autor em alguns aspectos no que se refere à Idade Média.<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> Cf. TURNER, Wendy J; LEE, Christina. *Trauma in Medieval Society*. Boston: Brill, 2018.

<sup>18</sup> Cf. MORUS, Thomas. *A utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

<sup>19</sup> DELUMEAU, J. *Op. cit.*, p. 125.

<sup>20</sup> Referência à citação da epígrafe que antecede a introdução deste trabalho.

<sup>21</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>22</sup> Para Reinhart Koselleck é a partir da tensão entre estes dois tempos (espaço de experiência e horizonte de expectativa) que é possível entender o tempo histórico. No entanto, para o autor, há ressalvas em relação à aplicabilidade desta teoria na análise da Idade Média. Encontro no Decamerão, um fenômeno inverso à argumentação do autor. Sobre o entrelaçamento das categorias históricas e antropológicas “espaço de tempo” e “horizonte de expectativa”, cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 308, 2006.

Nestes termos, a problemática anteriormente levantada será analisada utilizando o – longo – espaço de experiência de Boccaccio, junto das demandas de seu próprio tempo, considerando ainda o seu horizonte de expectativa.

Buscar responder estas questões é procurar entender as diferenças e as aproximações da experiência do ser no tempo, entendendo os aspectos que nos tornam, de fato, humanos, de acordo com as oscilações e características próprias do tempo e do espaço analisados.

## A SOCIEDADE FLORENTINA E O CENÁRIO DO DECAMERÃO

Este capítulo trata de uma cidade que se esvaiu a partir do século XIV, tendo uma redução drástica na população que lá vivia devido ao número de mortes constantes. Uma cidade contaminada e doente, sendo a identificação dos contaminados impossível de identificar a olhos nus e por isso, em muitas ocasiões, irreconhecível à tempo de qualquer medida preventiva: “Na cidade de Florença, nenhuma prevenção foi válida, nem valeu a pena qualquer providência dos homens.”<sup>23</sup> Uma cidade pecaminosa, onde muitos de seus moradores e moradoras pecam contra as leis da obediência e vivem sem quaisquer tipo de restrições ou moderação.<sup>24</sup> Um local cujas perspectivas de prosperidade pareciam inexistentes, num cenário que remonta à exterminação do ser humano em apenas alguns dias, ou, em alguns casos em algumas horas.

Nesta cidade, muitas pessoas mortas eram encontradas nas ruas, quer por terem morrido por ali mesmo, quer por terem sido deixadas na rua por quem passasse ou as encontrasse em estado de decomposição dentro de suas próprias casas. “Tornava-se raro o caso daqueles cujos corpos tinham, ao ir para a igreja, o acompanhamento de uns dez ou 12 dos seus vizinhos [...] Os clérigos, quando os havia, não se cansavam muito em seus ofícios solenes: [...] punham os caixões, de preferência, na primeira sepultura desocupada que encontravam”.<sup>25</sup>

Neste contexto, a morte e a vida pareciam coexistir de forma muito incisiva no mesmo plano, já que para livrar-se rapidamente dos mortos, seja por conta do mau cheiro ou “movidos pelo terror de que a corrupção dos corpos lhes fizesse mal”, a rua era o lugar comum do despejo das pessoas que “tiravam das casas os cadáveres; punham os corpos diante da porta da residência, onde, principalmente de manhã, eram vistos, em quantidade incontável, pelos que andavam perambulando pela cidade, e que, ao vê-los, tomavam providências quanto ao preparo e à remessa dos caixões”.<sup>26</sup>

Empilhados em tábuas, em grandes caixotes, jogados em grandes valas à céu aberto ou simplesmente esquecidos em frente ou dentro de casas abandonadas: assim ficavam por

---

<sup>23</sup> O Decamerão, volume 1 / Giovanni Boccaccio; tradução Raul de Polillo; introdução Edoardo Bizarri. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 10, 2018.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 36.

horas, dias ou semanas, como se Caronte já não tivesse mais lugar em seu barco para garantir a separação entre os dois mundos. Quando estavam caminhando nas ruas, os habitantes da cidade normalmente estavam carregando corpos empilhados em carroças, cuja vida já não existia mais. Quando ainda restavam resquícios de fé e existiam número suficiente de fiéis para isso, algumas procissões poderiam ajudar a carregar os corpos empilhados para algum lugar.

Tal cenário, sendo conhecido de todos os habitantes não só daquela cidade, mas também da região, denunciava a contaminação, degradação e a exterminação não apenas do ser humano, mas também da moral, dos padrões comportamentais e dos sentimentos. Em “O Decamerão”, Giovanni Boccaccio conta que caso alguém fosse forçado a abandonar um parente ou um amigo por questões de proteção própria, o faria. Dessa forma, eram “em número reduzidíssimo aqueles aos quais eram concedidos aos prantos piedosos e as lágrimas sentidas de seus próprios parentes. [...] No lugar dos prantos e das lágrimas, passaram a ser usados, para a maioria, as risadas, os motejos e as festas em boa camaradagem”.<sup>27</sup>

É comum que quando alguém próximo fique doente, tenda este ser humano a obter mais facilmente a caridade dos amigos ou das pessoas próximas em prol de sua recuperação e bem estar. Neste caso, não poderia haver proximidade, pois as condições da peste bubônica não permitiam mais tal dinâmica social. Por conta disso, o afastamento fez com que muitas vidas fossem encerradas sem nenhuma testemunha. Quando os sentimentos que davam origem às angústias e lamentações não eram revertidos em riso, na tentativa de exercitar o esquecimento, “quase tudo se orientava para um fim assaz cruel: o de se ter nojo e de se fugir dos enfermos e das coisas deles. Assim procedendo, cada qual admitia estar assegurando a saúde para si próprio.”<sup>28</sup>

Neste caso, haviam pessoas que entendiam a necessidade de fugir da cidade por acreditarem que ela só poderia estar amaldiçoada: “Era, para estes, como se a ira de Deus se destinasse, não a punir a iniquidade dos homens com aquela pestilência, onde eles estivessem, e sim a oprimir, comovida, apenas aqueles que se demorassem dentro dos muros de sua cidade”, como se a hora derradeira daquele lugar estivesse por vir.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 33.

E foi desta forma que belas casas, castelos e palácios parecem ter sido deixados de lado por seus habitantes. O esplendor não se sobrepunha ao medo e já não poderia ser suficiente para comprar a vida. Os laços familiares não poderiam beneficiar uns frente aos outros, já que o que se passava na cidade não distinguia as pessoas a partir de um local privilegiado de nascimento ou da família a qual pertenciam.

E neste contexto, relatou Boccaccio, “Quantos grandes palácios, quantas lindas casas, quantas nobres residências, anteriormente repletos de famílias, de senhores e de senhoras, ficaram vazios, perdendo até o último pajem”<sup>30</sup>. Já não se tinha a certeza de proteger-se a si mesmo, quem dirá àqueles a quem se tinha apreço. É neste sentido que os padrões de comportamento relacionados aos ritos de passagem, comuns em qualquer período histórico, foram profundamente alterados em função do contexto da cidade: “Em consequência destas condições, àqueles para os quais a multidão era inestimável, aos homens e às mulheres que enfermavam, nenhum outro recurso restava, além da caridade dos amigos (e destes havia poucos), ou da avareza dos criados”<sup>31</sup>

É dessa forma que a cidade foi retratada por Giovanni Boccaccio no Decamerão no século XIV, mas certamente não é a partir destes atributos que a cidade de Florença, na Itália, é lembrada nos dias de hoje e nem pode-se afirmar que é por conta deste contexto histórico que a cidade atrai milhares de turistas todos os dias e todos os anos. A imagem da sociedade florentina neste período é também constituída pela historiografia a partir de um cenário de extrema importância política e econômica.<sup>32</sup> Situada ao norte da Itália, a cidade também foi movimentada por influentes mercadores e rotas de comércio que a tornaram um importante centro econômico no medievo, constituindo e fazendo parte de uma globalidade medieval.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> Ibidem, p. 38. O pajem, na Idade Média, era um jovem serviçal que prestava serviços aos senhores e senhoras. na tradução de Torrieri Guimarães do Decamerão, a palavra pajem é substituída por serviçal. Cf. BOCCACCIO, Giovanni. Decamerone; trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Círculo do livro, 1988.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>32</sup> Cf. GILLI, P. Op. cit.

<sup>33</sup> Por globalidade medieval entendo um medievo interconectado através da circulação de pessoas de Oriente ao Ocidente, considerando todos os fluxos terrestres e marítimos através da perspectiva de uma grande teia de relações que engloba inclusive o norte do continente africano. Estes fluxos de interação que existem desde a antiguidade e se intensificam no medievo com as rotas de comércio e deslocamentos de instituições políticas ou centros econômicos, não são oriundos de uma localidade específica, mas de um movimento, sendo por isso, globais. O conceito de globalidade medieval deste trabalho desconsidera perspectivas nacionais modernas anacrônicas à Idade Média, que institucionalizam o nacionalismo pautado na ideia de um país, impondo limites expressos de pertencimento. Esta globalidade medieval que foi ora marcada por conflitos, ora por alianças, sendo, por isso, cenário de uma multiplicidade cultural que é fator determinante do desenvolvimento das



Por conta dessa relevância, está inclusa nas transformações sociais que começam a aparecer a partir do século XII, culminando naquilo que o autor Jacques Le Goff denominou enquanto surgimento das primeiras cidades medievais do Ocidente europeu e seu apogeu, através das chamadas “revoluções cidadinas”.<sup>34</sup>

Florença também ficou conhecida pelo seu grande desenvolvimento cultural. Isso fez com que a historiografia valorizasse a sua importância, principalmente no desenvolvimento do movimento renascentista, que se estrutura na historiografia a partir do século XIV e atinge seu ápice no século XV em diante. Inegavelmente, no entanto, tal renascimento estruturou-se a partir de uma perspectiva europeia que nega à Idade Média o interesse pela cultura e pelo belo, contribuindo para que a Idade Média fosse classificada através do já conhecido *topos* de uma “Idade das Trevas”, condição que se perpetua até os dias de hoje e que a historiografia medieval tem trabalhado desde a década de 70 para que se modifique.<sup>35</sup>

Jérôme Baschet acredita que se ainda é possível utilizar-se das perspectivas de uma Idade das Trevas, é porque elas ainda servem a um programa político do Ocidente, baseado numa perspectiva de civilização e progresso fundado a partir do iluminismo, já que toda época precisa de uma oposição à sua própria para afirmar-se numa posição melhor, em termos comparativos:

“Sem dúvida, a necessidade de tal contraponto não é mais tão imperiosa como era no fim do século XVIII. Entretanto, esse passado, tão longínquo como bárbaro, ainda presta bons e leais serviços e o caráter quase inextirpável das ideias preconcebidas sugere que não se renuncia facilmente ao muito cômodo contraponto valorizador medieval. Este contribui a nos convencer das virtudes da nossa modernidade e dos méritos de nossa civilização. A maior parte das culturas teve grande necessidade da imagem dos bárbaros (ou dos primitivos), pertencentes a um lugar distante exótico ou presentes para além de suas fronteiras, a fim de se definirem elas mesmas como civilizações. O Ocidente não é exceção, mas ele apresenta também

---

sociedades modernas complexas é resultado de um medievo transcultural, conceito que vamos recuperar posteriormente.

<sup>34</sup> Cf. LE GOFF, Jacques. O apogeu da cidade medieval. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>35</sup> Conforme apresentamos na introdução, Régine Pernoud, além de falar das letras na Idade Média, também menciona as artes e a ciência medieval, recuperando particularidades do período que permanecem até os dias de hoje e condenando o método moderno de estudo destes campos. Nas letras, por exemplo, a autora aponta que “boa parte da produção literária da Idade Média está ainda em estado de manuscrito, enterrada nas nossas bibliotecas, enquanto se reeditam sem cessar as mesmas obras”, questionando-se se é possível identificar, neste ponto, certa falta de curiosidade que justificam os preconceitos atribuídos ao medievo. Cf. PERNOUD, Régine, op. cit. e LE GOFF, Jacques. Para uma outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, onde o autor discorre sobre uma Idade Média do cotidiano, contrapondo à ideia de uma hegemonia cultural escolástica, frente a cultura popular e o desenvolvimento das primeiras universidades do mundo.

essa particularidade de ter uma época bárbara alojada no seio de sua própria história. Em todo caso, o alhures ou o antes bárbaro são decisivos para constituir, por contraste, a imagem de um aqui e agora civilizado. Interrogar-se sobre as noções de barbárie e de civilização e pôr em dúvida a possibilidade de julgar as sociedades humanas em função de tal oposição: é também a isso que nos convida a história da Idade Média.”<sup>36</sup>

Temos, portanto, um problema ambíguo para a compreensão deste contexto, uma vez que Boccaccio retrata uma Florença devastada, num cenário turbulento, onde facilmente poderia ser retratado sob as condições de uma retórica alusória às trevas, enquanto a historiografia por vezes também o colocou como um “homem a frente de seu próprio tempo”<sup>37</sup>, peça chave para o próprio “Renascimento” já mencionado, principalmente por ter contribuído estruturalmente para a unificação dos dialetos italianos a partir da escrita literária, elemento que chama atenção através do estilo de escrita presente, inclusive, no Decamerão. Podem os homens e mulheres que vivem em um tempo desprovido de conhecimento, serem iluminados pelo futuro?

Considerando certa impossibilidade em tal questão, na presente pesquisa não será possível tratar de um renascimento cultural ao nível do que Jacob Burckhardt propôs, como uma “retomada” no interesse pelo conhecimento, pela estética, pelas artes e pelo belo<sup>38</sup>, uma vez que a Idade Média, compreendida em sua totalidade durante mais de mil anos, conservou, modelou e ressignificou todo o mundo simbólico a sua volta, através da permanência do antigo e do desenvolvimento de padrões próprios. Num período de mil anos, a sociedade viveu diversas mudanças sociais que propiciaram a materialização de uma cultura rica e complexa – a própria cultura humana, em constante desenvolvimento–, interessada pela busca de conhecimento a partir de uma visão condicionada pelo próprio contexto em que se estaria inserida. Sendo assim, como bem colocou Aline Dias da Silveira, é necessário questionar “a quem servem os conceitos de Moderno, Renascença, Oriente e Ocidente desenvolvidos principalmente a partir do século XVII”.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> In: BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, p. 26, 2006.

<sup>37</sup> Boccaccio, um homem a frente de seu tempo?

<sup>38</sup> Este trabalho não coaduna com a perspectiva desenvolvida por Jacob Burckhardt no século XIX e que se estende até os dias atuais, a qual assumiu que “o entusiasmo intenso e generalizado dos italianos pela Antiguidade clássica não se manifestou antes do século XIV. O autor pondera que para isso acontecer era necessário um “desenvolvimento da vida cívica, que só aconteceu na Itália, e ali, não antes dessa época” BURCKHARDT, Jacob. A Cultura Do Renascimento Na Itália. Brasília: Editora Unb, p. 107-108, 1991.

<sup>39</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. Palestra “O Picatrix e a magia astral na longa duração.” Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 2017.

Queremos, portanto, reiterar a condição ambígua da cidade, inserida no cerne da sociedade medieval a partir de uma perspectiva econômica, intelectual e, conseqüentemente, cultural e que, apesar disso, também sofreu com o contexto conturbado instaurado pela peste bubônica, não optando pela dualidade entre escuridão e luz. Apesar da quantidade de pessoas que morriam na cidade ter chocado muita gente, a escrita da obra aqui analisada parece demonstrar que para Boccaccio, o contexto devastado instaurado pela peste parecia ser inevitável, tornando-se, portanto, uma consequência daquele contexto.

A despeito do caráter literário, a obra de Giovanni Boccaccio pode ser analisada também a partir de uma perspectiva cronística por ter sido escrita no momento em que se passavam os acontecimentos históricos levantados na narrativa pelo autor: “Se o que se passou não fosse visto pelos olhos de muitos, bem como pelos meus, mal eu me afoitaria a crer na ocorrência, e menos ainda a escrever, por mais digna que fosse, de fé, a pessoa pela qual eu o ouvisse narrar”.<sup>40</sup> Boccaccio ainda salienta que, “seja qual for, pela qual aconteceram as coisas que adiante se vão ler, essa causa nunca poderá ser demonstrada sem rememoração. E é por isto que me vejo quase coagido pela necessidade a escrever sobre ela.”.

41

No entanto, situar ainda, apenas o cenário florentino enquanto o único cenário passível de análise do Decamerão, seria tomar como referência apenas o ponto geográfico em que a história se estrutura. Conforme veremos adiante, a obra retrata não somente Florença, mas um medievo conectado através de um trânsito de pessoas e informações que existe no século XIV que está no cerne deste período, fato que segue na contramão da concepção de uma sociedade estagnada. Naturalmente, este trânsito foi potencializado, considerando, para além das disputas políticas entre segmentos diferentes da própria igreja<sup>42</sup> pela estrutura de um contexto de disputas políticas “supranacionais”, ou seja, extra-italianas, conceito que foi desenvolvido pela historiografia principalmente a através de Patrick Gilli, considerando os atritos entre o Império e Sacerdócio que se configura para muito além dos limites do que hoje é considerado o território Italiano.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 31.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>42</sup> Para uma análise acerca das disputas entre grupos da Igreja, já na Florença do século XIV, cf. RUST, Leandro. A Santidade Enfurecida: monges e bispos medievais em uma disputa pelas emoções públicas. Medievalista, Lisboa, n. 28, p. 279-310, Julho - Dezembro, 2020.

<sup>43</sup> Cf. GILLI, P. Op. cit.

Daniel Valle Ribeiro lembra as divergências políticas entre Sacerdócio e Império já a partir do século XIII, mas recupera as rivalidades presentes no século XIV, através das divergências entre Filipe, o Belo, rei da França, envolvendo autoridades episcopais como o papa Bonifácio VIII, numa altura em que o Ocidente conhecia, por um lado, uma progressiva “laicização do Estado” e uma sensação de independência por parte do Império, e já pela perspectiva da Igreja, um “retorno” aos debates iniciados no século XI-XII acerca da doutrina das duas espadas, que reclamavam a harmonia entre as instituições imperiais e episcopais.<sup>44</sup>

É certo que as cidades italianas neste contexto desconheciam um rei direto, já que o último representante direto teria sido Henrique V (1081-1125), imperador do Sacro Império Romano Germânico que teria morrido sem deixar herdeiros diretos, tendo por isso, aberto espaço para reacender disputas entre as duas instituições já mencionadas, ao passo que também pode fortalecer o desenvolvimento de grupos políticos regionais na Itália.

Mesmo assim, as disputas acerca dos partidários do papado e do Império que se seguiram numa perspectiva supranacional, também respingaram nos territórios italianos, sobretudo nas conhecidas guerras entre guelfos (partidários do papado) e gibelinos (partidários do Império). No entanto, mesmo estes grupos não eram homogêneos entre si, considerando as particularidades regionais. No que diz respeito a este aspecto, Patrick Gilli, ainda ofereceu um vasto arcabouço da organização social do contexto italiano, considerando as cidades da região norte e setentrional da Itália. A diversidade política aferida através da figura dos *popolani*, das *militia* e dos consulados, demonstra como a Itália soube construir grupos com força e autonomia política próprias, frente à situação de disputas entre os dois poderes, que normalmente são associadas no período medieval, enquanto responsáveis pela constituição de uma rede global de poder, cuja ponta estaria sempre virada, ora à figura do rei, ora à figura do papa.<sup>45</sup>

Por isso, na maior parte do tempo os interesses de diferentes grupos políticos regionais do norte da Itália neste período prevalecem sobre qualquer figura hierarquicamente superior, como um imperador ou papa, culminando no fortalecimento das “comunas” italianas.<sup>46</sup> Situando ainda estas cidades num contexto mediterrânico amplo de redes de

---

<sup>44</sup> In: RIBEIRO, Daniel Valle. Igreja e Estado na Idade Média: Relações de poder. Belo Horizonte: Editora Lé, 1995.

<sup>45</sup> Cf. GILLI, P. Op. cit.

<sup>46</sup> Ibidem.

comércio e de interesses supra regionais, Gilli analisou este cenário, menos pela ótica das rupturas que das transformações, questionando perspectivas historiográficas totalizantes que caracterizavam o período através da lente das “revoluções cidadinas”.

Além disso, a busca pelo controle político das regiões do norte da Itália também foi abordada no Brasil por André Luis Pereira Miatello a partir da retórica da “ordem” e “desordem”.<sup>47</sup> Preocupado em atentar para os conflitos existentes neste contexto, o autor demonstra como as disputas de poder em torno do sistema comunal desse período refletem interesses políticos individuais, que paulatinamente vão sendo atestados nos sermões, nas pregações e na própria literatura da época, tendo grande proeminência já em Dante Alighieri, autor que serviu de grande inspiração para Giovanni Boccaccio.

A discussão sobre a “ordem” e “desordem” levantada por André Luis Pereira Miatello, por exemplo, permeia aspectos relacionados à busca pelo poder político da cidade, provando que sendo uma temática inédita, nem mesmo se analisada sob o prisma intelectual do século XIV. Num período em que, coincidentemente, a rotina da cidade não poderia obedecer a nenhuma lei divina ou humana, a relação em torno da “ordem” e “desordem” parece ser determinante para o entendimento deste contexto, principalmente através da ótica dos vícios e das virtudes provenientes da conduta individualista dos homens, característica de um contexto multifacetado.<sup>48</sup>

## **A PESTE COMO FORÇA MOTORA**

Boccaccio afirmou que dentro dos muros da cidade de Florença, foram acometidas pela peste bubônica mais de “cem mil criaturas humanas”, sendo que muitos dos quais teriam sido considerados mais do que são por Galeno, Hipócrates ou Esculápio pouco tempo antes de morrer. Neste sentido, o autor evidencia que a voracidade da peste era tanta que, não bastasse a quantidade de vítimas, em poucas horas homens e mulheres que “almoçaram pela manhã, com os respectivos parentes, os companheiros, os amigos, [...] na tarde que se lhe

---

<sup>47</sup> Cf. MIATELLO, André Luis Pereira. Relações de poder e bem comum na Baixa Idade Média italiana (séc. XIII-XIV). Anos 90, v. 20, n. 38, 2013.

<sup>48</sup> Por consequência da pestilência, Boccaccio menciona que os homens de leis estavam também mortos ou enfermos: “[...] Em meio a tanta miséria da nossa cidade, a reverenda autoridade das leis, tanto divinas, como humanas, caíra e dissolvera-se”. BOCCACCIO, Op. cit., p. 32.

seguiu, foram jantar no outro mundo, com os respectivos antepassados”.<sup>49</sup> Como já ressaltou Delumeau, apesar da constatação numérica de Boccaccio ter sido um exagero considerando 100 mil mortos, as referências utilizadas pelo autor debatem que a peste teria levado consigo, até o século XIV, cerca de 30% da população Florentina da época, que girava em torno do número aferido por Boccaccio, isto é, algo em torno de 100 mil vidas.<sup>50</sup>

Muitos trabalhos, além da “História do Medo no Ocidente” escrito por Delumeau, também já se preocuparam em discorrer acerca do surgimento e expansão da peste no medievo, de Oriente a Ocidente, de forma que não pretendemos desenvolver esta questão aqui. O leitor interessado em se aprofundar no que se refere a esta questão, também pode encontrar boas considerações nas análises historiográficas e demográficas em “La Peste Negra: 1346-1353 la historia completa”. de Ole J. Benedictow.<sup>51</sup> Ao mesmo tempo que explorou o significativo impacto e a rápida dispersão da peste dentro o território europeu, neste trabalho Benedictow também apresentou particularidades acerca das localidades mais afetadas pela peste, incluindo o território asiático e europeu, considerando zonas rurais e urbanas.

Nestas considerações, a cidade de Florença tem destaque central, já que é caracterizada enquanto o coração do mais importante centro comercial da Toscana medieval. Para o autor, não se pode duvidar de que as regiões do que conhecemos enquanto Itália sofreram uma catástrofe inimaginável.<sup>52</sup> De fato, considerando registros fiscais e censos demográficos, considerar 5% de mortes já nos primeiros anos de peste, seria, para ele, ser otimista, ao passo que considerar a estatística de 15%, também não seria um exagero.<sup>53</sup><sup>54</sup>

Benedictow também apontou para as possíveis explicações e causas atribuídas à peste em meados do século XIV, como a associação à componentes astrológicos e os pecados dos homens<sup>55</sup>, questões também levantadas por Boccaccio na fonte: “Por iniciativa dos corpos

---

<sup>49</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 38.

<sup>50</sup> DELUMEAU, Jean. História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, p. 156-157, 2009.

<sup>51</sup> Cf. BENEDICTOW, Ole J. La peste negra, 1346-1353: la historia completa. Madrid: Akal, 2011.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 381.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 383.

<sup>54</sup> Ao final de sua análise sobre a Itália, Benedictow afirma que com a análise dos censos, seria possível aferir que a peste condenou 55% da população da região.

<sup>55</sup> “Em 1348, o rei Filipe VI da França ordenou à Faculdade de Medicina da Universidade de Paris que elaborasse um relatório sobre as causas da Peste Negra e os remédios que poderiam ser usados. O corpo docente informou que às 13 horas do dia 20 de março de 1345, ocorreu uma conjunção de Saturno, Júpiter e Marte na casa de Aquário. Essa situação foi extremamente eficaz para o surgimento de doenças epidêmicas, uma vez que

superiores, ou em consequência das nossas ações iníquas, esta pestilência, lançada sobre os mortais por justa ira de Deus e para a nossa expiação, começará nas plagas orientais, alguns anos antes.”<sup>56</sup>

Neste contexto, é a partir do cenário pestilento e do contexto conturbado que se instaura na cidade de Florença que Boccaccio apresenta a necessidade da fuga de dez personagens que compõem a prosa para fora dos muros da cidade. Os personagens se encontram na igreja de Santa Maria Novella<sup>57</sup>, em Florença, sendo que a narrativa se inicia a partir do encontro de sete personagens mulheres, que se reúnem por acaso: Pampineia, Fiammetta, Filomena, Emília, Laurinha, Neifile e Elisa, sentadas em círculo na Igreja. Quando já reunidas, as personagens “puseram-se a conversar entre si, sobre as condições do tempo e sobre outras coisas mais”.<sup>58</sup>

A primeira personagem é Pampineia, a mulher mais velha do grupo, que inicia a conversa com as outras seis mulheres, todas entre 18 e 28 anos de idade, segundo o autor, questionando o estado em que se encontram devido à decorrência da peste: “Nós ficamos aqui, ao que parece, como se quiséssemos, ou desejassemos, ser testemunhas do número de corpos mortos que se levam à sepultura [...]. Ou então, como se aspirássemos a mostrar [...] as condições e a quantidade das nossas misérias.”<sup>59</sup> Ficando na cidade, Pampineia se assusta com os indivíduos largados à própria sorte e se apavora por não encontrar nenhuma pessoa de sua família entre os semblantes dos que sobrevivem.<sup>60</sup>

“Por estes motivos, afigura-se-me incômodo o ficar por aqui, fora daqui, ou mesmo em casa.”<sup>61</sup> Desta forma, a peste torna-se a força motora para que as personagens, invés de se

---

a conjunção de Saturno e Júpiter causou mortes e desastres, enquanto a de Júpiter e Marte espalhou a praga pelo ar. Essa teoria astrológica em epidemiologia se baseava no pressuposto de que Júpiter era quente, úmido e extraia vapores nocivos da terra e da água, enquanto Marte era considerado quente e seco e tinha, portanto, a capacidade de transformar os vapores numa espécie de fogo infeccioso”. In: BENEDICTOW, O. Op. cit., p. 18-19, tradução nossa.

<sup>56</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 29-30.

<sup>57</sup> Ao contrário do que o leitor poderia achar, Ole J. Benedictow salienta que o ponto de encontro dos personagens não era de forma alguma, fortuito, mas tinha sido escolhido para gelar o sangue de muitos de seus leitores [os de Boccaccio], que teriam ouvido falar da carnificina produzida no convento. O obituário de Santa Maria Novella mostra que, dos 130 membros da casa, morreram 80 frades, três monges e três padres, uma taxa de mortalidade de 66 por cento.” In: BENEDICTOW, O. Op. cit., 390-391, tradução nossa. Já a perspectiva do castigo divino aparece na obra através da citação de cronistas russos, a partir de 1346. In: BENEDICTOW, O. Op. cit., p. 78.

<sup>58</sup> BOCCACCIO, G. Op. cit., p. 39.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>60</sup> *Idem*.

<sup>61</sup> *Idem*.

acomodarem ou se entregarem à própria sorte, decidam agir frente a um futuro incerto. Um “não-lugar” se apresenta na narrativa como o único lugar possível neste contexto vivido pelos personagens.

“Fugindo dos exemplos desonestos dos outros, como se foge da morte, iremos instalar-nos honestamente nos nossos lugares, nos arredores da cidade, onde, para cada uma de nós, há abundância do que possa ser indispensável. Ali teremos aquela festa, aquela alegria, aquele prazer que pudermos conseguir, sem ultrapassar, em ato algum, os limites da razão. Lá se ouvem os pássaros a cantar; veem-se verdejar as colinas e as planícies; contemplam-se os campos, cheios de cereais, ondulando exatamente como o mar ondula; existem árvores de mil formas; descortina-se o céu mais abertamente; o céu, embora ainda enfurecido, nem por isso nos nega as suas belezas eternas; essas belezas são muito mais dignas de contemplação do que os muros vazios da nossa cidade. Ademais, lá o ar é muito mais fresco; das coisas necessárias à vida, nestes tempos, lá existe maior quantidade; e é menor o número dos aborrecimentos”.<sup>62</sup>

O apelo ao conceito da razão, mencionado no trecho acima pela personagem Pampineia demonstra mais uma vez a necessidade de entender o mundo medieval pela ótica da globalidade. A partir do século IX, é possível verificar um aumento no trânsito de textos gregos que se concentraram no Oriente, como consequência do surgimento da Escola de Bagdá, uma das primeiras escolas de tradução do medievo.<sup>63</sup> Conforme as instituições de tradução foram se expandido também ao Ocidente com o trânsito árabe, muitos textos antigos entraram em circulação novamente, fazendo com que ideias e conceitos antigos fossem trazidos à luz novamente, como o próprio conceito aristotélico da razão.<sup>64</sup> Para Aristóteles,

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>63</sup> *Translatio studiorum* é o nome do fenômeno que se desenvolveu durante a Idade Média, a partir do entrelaçamento dos saberes que se misturam de Oriente a Ocidente. Tal fenômeno pode nos ajudar a pensar esta questão para entendermos a formação da intelectualidade medieval, também sob a ótica da transculturalidade. Para Alain de Libera, “A eflorescência filosófica que conheceu al-Andaluz na virada dos séculos X e XI inscreve-se incontestavelmente num movimento de “translação dos centros de estudos” do Oriente para o Ocidente. Como o primeiro emir omíada, a filosofia veio para a Espanha da Síria e de mais longe ainda: os livros, textos, traduções, a cultura intelectual, a ciência, tudo isso chegou efetivamente a Córdoba como, outrora, os saberes gregos a Bagdad. [...] Se o Islã ocidental desabou, por assim dizer, filosoficamente diante dos exércitos cristãos, ele conquistou, como outrora aconteceu com Grécia e Roma, o seu vencedor. À medida que o território muçulmano encolhia, a filosofgia passava, por uma espécie de osmose, da terra do Islã para países da cristandade. [...] Graças aos contatos existentes entre as três comunidades, graças também ao bilinguismo dos eruditos judeus (que liam o árabe e, a maior parte deles, escreviam em árabe), a filosofia árabo-muçulmana sobreviveu entre os “povos do Livro”, ao desabamento de suas estruturas políticas. In: LIBERA, Alain de. A filosofia medieval. São Paulo: Edições Loyola, p. 145-146, 1998.

<sup>64</sup> Aristóteles considerava que “para o homem, não existe maior felicidade que a virtude e a **razão**”. In: Aristóteles / A política. Bauru: Edipro, 2009, p. 231. Como figura expoente no resgate de Aristóteles e interpretação do conceito de razão na Idade Média, é possível citar Ibn Ruchd ou Averróis (1126-1198), importante filósofo medieval que acreditava ser a razão o instrumento da verdade, onde através da filosofia seria



este conceito está extremamente relacionado à ética, o que parece ser elementar no Decamerão, já que Boccaccio estrutura a sua narrativa a partir de uma crítica da conduta do *corpus* social, conforme veremos adiante.

Além disso, parece ser mais fácil manter este padrão de comportamento neste novo lugar, segundo a personagem, não só porque sair da cidade é necessário, mas porque este novo lugar é um contraste do pano de fundo da narrativa até aqui, constituindo uma espécie de mundo ao contrário, contrastando as virtudes com todos os vícios do cenário pestilento de Florença. Percebe-se, portanto, o contraste da abundância em contraposição à angústia; a festa em contraposição ao luto; a alegria frente à tristeza; o prazer frente ao desgosto; o canto dos pássaros invés das cerimônias de procissão; o cheiro da natureza, e a paisagem verde das colinas e das planícies frente à decomposição dos corpos; a abundância das colheitas frente à miséria e à fome; a contemplação do céu invés dos muros vazios da cidade. Enfim, a prosperidade da vida, frente à inevitabilidade da morte.

Todos estes elementos fazem referência à preferência aguçada ao campo, com os traços de naturalismo em Boccaccio. Há uma clara preferência do campo em detrimento da cidade, não só pelas questões já mencionadas, mas ainda quando a personagem salienta que “muito embora também lá [no campo] morram os trabalhadores do campo, como aqui morrem os habitantes da cidade, tanto menor é o desprazer, lá, quanto mais raros são, do que na cidade, as casas e os seus moradores.

Nesta altura, já abordamos que o processo de urbanização que parte da historiografia analisou ou sob a ótica das chamadas revoluções citadinas, ou sob a ótica das transformações urbanas ocorridas na Itália, a partir do século XII. Ole J. Benedictow salienta neste contexto, que este nível de urbanização acabou por facilitar o aumento da contaminação, principalmente por conta do processo mercantil entre as mais diversas regiões, responsável por conectá-las através de rotas de comércio que percorreram o norte da Itália.<sup>65</sup> É evidente

---

possível interpretar a verdade divina, que acaba por influenciar a escolástica medieval e interferir, conseqüentemente, de forma significativa na intelectualidade Ocidental medieval. Para Averróis, “não se deveria haver divergência entre filosofia e religião, uma vez que ambas buscam e ensinam a verdade. Em caso de conflito, deve-se utilizar-se da interpretação. Isto é, é preciso interpretar racionalmente o texto religioso.” Este debate suscitou controvérsias, já que pela perspectiva cristã, seria “estúpido pedir demonstração de coisas, como as da fé. Quem pede tais demonstrações busca o que não se pode encontrar.” In: OLIVEIRA, Paulo César. Averróis e a Religião do Filósofo. *Theoria*, Pouso Alegre, V. VIII, número 9, 2016, pp. 107-114. Sobre Averróis e a querela da fé e razão e sua influência no medievo, cf. LIBERA, Alain de. *Pensar na idade média*. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>65</sup> BENEDICTOW, O. Op. cit., p. 134.

que isto não fica claro no Decamerão, porém é importante questionar um possível resgate ao antigo debate da oposição entre campo e cidade, já presente na antiguidade grega, como uma condicionante de resgate aos elementos necessários à vida no Decamerão<sup>66</sup>, já que o lugar sugerido pela personagem Pampineia, lugar este onde os personagens deveriam se dirigir, se situa fora dos muros da cidade e mais especificamente no campo. E é lá onde as personagens devem permanecer por tempo suficiente para verem “qual o fim que o céu reservará a estas circunstâncias”.<sup>67</sup>

Neste momento, Elisa salienta que “os homens são a cabeça das mulheres; sem a **ordem** deles, raras vezes alguma obra nossa chega a fim digno de louvor”<sup>68</sup>, questionando às outras mulheres onde elas podem conseguir homens que as acompanhem nesta empreitada, visto que a maior parte deles havia morrido e, aqueles que restaram, “vão fugindo, sem que saibamos para onde, àquilo de que nós também procuramos fugir”<sup>69</sup>. A partir daí, Boccaccio anuncia a chegada de três homens na igreja, sendo Pânfilo, Filóstrato e Dioneio, personagens que procuravam suas amadas como consolação, cujas mulheres, por acaso, se encontravam dentre as 7 personagens. Ao passo que se encontram, estes homens juntam-se às sete mulheres para acompanhá-las na Jornada que se segue com o Decamerão.

Ao se dirigirem para fora dos muros da cidade, juntos, todos os dez personagens juntos de seus serviçais, encontram o tão agradável lugar de sua estadia:

“A região apresentava-se cheia de vários tipos de arbustos e de árvores, todas de fronde verde, muito agradáveis à vista. No topo da montanha, havia um palácio, em cuja parte central existia um pátio grande e belo. O palácio possuía balcões, salas e quartos; cada dependência era por si mesma muito bonita, decorada com pinturas de valor. Ao redor do palácio, viam-se pequenos prados, grandes jardins de aspecto maravilhoso, e poços de água extremamente fresca. No palácio, havia adegas de arcadas, com vinhos preciosos. [...] Tudo, por ali, fora varrido. Nos quartos, arrumaram-se as camas. Nos vasos, puseram-se as flores que, naquela estação do ano, se puderam obter; e as flores foram amparadas com juncos.”<sup>70</sup>

<sup>66</sup> “O preconceito moderno de considerar o camponês como alguém “subalterno” não está presente, em geral, no auge do mundo clássico grego, ao contrário. Apesar do poder dos nobres terratenentes, “os camponeses não deixam de ter uma independência espiritual e jurídica considerável” (Jaeger, 2003:87). Hesíodo, em “Os trabalhos e os dias”, revela o valor do trabalho, mormente o do camponês com a terra, como uma das mais importantes fontes da cultura grega (cf. Jaeger, 2003: 85-105). O mais célebre elogio da “condição camponesa” encontramos no tratado prático “Econômico”, de Xenofonte (430-395 a.C.). Aristóteles que “o melhor povo é o constituído de agricultores” (“Política”, 1318b), mas deixa claro que seu desejo é que esta deveria ser uma profissão servil (1330a).” In: LISBOA, Armando de Melo. Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum. Logeion: Filosofia da informação, v. 4, n. 1, p. 41, 2017.

<sup>67</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 42.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 45.

E assim, os personagens pretendem dissipar do espírito todas as preocupações durante esta estadia. Para isso, Pampineia sugere a necessidade de o grupo possuir um chefe, que seja escolhido pela votação do próprio grupo, sendo que sua primeira designação é informar como e onde os personagens deverão viver, quais serão as atividades principais de suas rotinas, além de informar, também, por quanto tempo seu reinado irá durar: “A ele caberão todas as preocupações, quanto ao dispor tudo de forma tal que possamos viver prazerosamente”.<sup>71</sup>

A hierarquia requerida no início do Decamerão, também se manifesta através da presença dos serviçais, da necessidade de se ter um chefe para todas as Jornadas e da fala da personagem Pampineia, quando salientou a necessidade de as mulheres terem homens que as acompanhem nesta empreitada, considerando que eles sejam “a cabeça” das mulheres,<sup>72</sup> demonstra a importância de uma determinada ordem para Boccaccio.

Ao mesmo tempo que parece ser importante, também aqui é possível questionar a efetividade dessa ordem que, caso algum dia tivera existido, parece ter sido posta em cheque pelo contexto vivido, visto que o próprio autor salienta, no cenário pestilento de Florença, que, primeiro: os serviçais já não se importavam com quem seus senhores e senhoras, e que neste contexto, para estes, pagavam-se inclusive altos salários para que se cuidasse dos seus senhores e senhoras enfermos.<sup>73</sup> Segundo: o contexto pestilento, somado possivelmente aos problemas anteriores decorridos das disputas territoriais, já não favoreciam há tempos o desígnio de um chefe, em específico, que fosse capaz de controlar as leis e criasse um ambiente de bem estar social e bem comum; e terceiro: as mulheres casadas passaram a viver sozinhas ao perder os seus maridos, e por isso, Boccaccio afirma que elas são a razão da própria existência da obra, salientando que essas são as que mais necessitam de conforto a partir do contexto pestilento.<sup>74</sup> Para além da narrativa fluida, são também os sussurros da

---

<sup>71</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>72</sup> “Em verdade, os homens são a cabeça das mulheres; sem a ordem deles, raras vezes alguma obra nossa chega a fim digno de louvor”, é com esta ponderação da personagem Elisa, que Boccaccio anuncia a chegada de três homens na igreja, sendo Pânfilo, Filóstrato e Dioneio, personagens que acompanharão as 7 mulheres durante o Decamerão. BOCCACCIO, Op. cit., p. 43.

<sup>73</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>74</sup> “E quem negará, por importante que seja, que convém dar este alívio, este conforto, mais às mulheres belas, do que aos homens? Elas conservam ocultas, dentro do seu seio delicado, as labaredas amorosas. Temem envergonhar-se, retraem-se. As labaredas escondidas têm mais vigor do que as ostentadas; e disto sabem os que já as provaram. Além do que, elas, as mulheres, constrangidas pelos desejos, pelos caprichos e pelas determinações dos pais, das mães, dos irmãos e dos maridos, se mantêm a maior parte do tempo fechadas em seus aposentos; ali se ficam, ociosas, sentadas, querendo e não querendo; na mesma hora, alimentam

fonte que nos interessam. Não se trata aqui, necessariamente de uma ordem perdida, que deve ser recuperada. Pode se tratar também, de uma ordem a ser estabelecida.

Neste sentido, seguindo-se de tal ordem necessária, Pampineia é eleita pelo grupo a primeira rainha, que deveria reinar no primeiro dia da estadia, reiterando a necessidade da ordem: “Quero dar, em primeiro lugar, o exemplo, a todos vocês. Por tal exemplo, e procedendo de maneira cada vez melhor, o nosso grupo poderá viver, **com ordem**, sem ter de envergonhar-se de si mesmo, por todo o tempo que for do seu agrado.”<sup>75</sup> Assim, a rainha delimita funções específicas para os convidados de seu grupo. Dentre estas funções, contemplam-se: mordomo, pagador e tesoureiro, serviçais assistentes, cozinheiras (aias da cozinha), governantas dos quartos das mulheres e asseio dos espaços, e reafirma que “Estas coisas, por serem belas e ordenadas, alegraram a todos; e todos comeram, em meio a ditos agradáveis e ar festivo. Quando se retiraram as mesas, a Rainha ordenou que se apresentassem os instrumentos musicais.”<sup>76</sup>

Ali, após descansarem por decreto da rainha, o grupo se encontrou num prado fresco. “Todos se sentaram em círculos, quando a rainha sugeriu que passassem o período mais quente do dia contando histórias, a fim de proporcionar deleite a todo o grupo que escuta enquanto um fala”<sup>77</sup>, até que o calor diminuísse com a chegada do pôr do sol. No Decamerão, normalmente as Jornadas dos reis e rainhas possuem um tema. A Jornada de Pampineia, a primeira das nove que se seguem, é uma jornada com tema indefinido, pois sendo o primeiro dia, Pampineia decide dar a liberdade de narrar o que for da preferência de cada personagem.

Assim se inicia, portanto, a primeira jornada, cujo tema indefinido perpassa, para a presente pesquisa, considerações sobre a conduta social.

---

pensamentos diversos, e não é possível que tais pensamentos sejam sempre alegres. Se, devido a esses pensamentos, alguma melancolia, provocada por anseios ardorosos, sobrevém ao espírito delas, do seu espírito convém que se trate, com o maior cuidado, se por novos raciocínios a melancolia não os remove. Sem isto, as mulheres são muito menos fortes que os homens, e requerem amparo. Estas coisas não acontecem aos homens enamorados, como podemos abertamente ver. Os homens, ao sentirem-se acossados pela melancolia ou pelo desânimo, encontram muitas formas de alívio, ou de entretenimento. Em querendo, não lhes faltam ocupações, como a de ir de uma parte a outra, a de ouvir, a de ver coisas, a de armar alçapões aos pássaros, a de caçar, a de pescar, a de cavalgar, a de jogar, a de barganhar. Nestas atividades, cada qual possui força de prender, no todo ou em parte, o pensamento, afastando-o da preocupação mais dolorosa, ainda que mais não seja do que por breve espaço de tempo. Depois deste espaço de tempo, de uma ou de outra maneira, ou o consolo sobrevém, ou o sofrimento se faz menor.” In: *Ibidem*, p. 22-23.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 49.

## RELAÇÕES ENTRE A PESTE E A CONDUTA SOCIAL

Interessa-nos aqui, mais especificamente, a relação da peste com os pecados dos homens. Tamara Quírico analisa a partir de outras documentações a questão da corrupção dos costumes e a identifica enquanto lugar comum na literatura de época, principalmente entre os cronistas e pregadores, que passaram a atribuir à peste a característica de cólera divina, empregada sobre os homens em razão de sua má conduta e de seus pecados ou vícios.<sup>78</sup>

Curiosamente, além da epidemia ter sido justificada no Decamerão enquanto o possível resultado de um castigo divino, encontramos na Jornada de Pampineia, dez histórias ou novelas, que possuem relação profunda com a temática da “conduta”, e, conseqüentemente, dos vícios e das virtudes, da ordem e da desordem. Tratemos das histórias que versam de uma forma acentuada acerca da conduta para analisarmos, portanto, suas características.

O personagem Pânfilo é quem inicia a primeira narrativa. Ele conta que Musciatto Franzesi, grande e riquíssimo comerciante da França, se tornou cavaleiro e teve de rumar para a Toscana por um chamado do Papa Bonifácio. Por isso, seus negócios ficaram comprometidos e ele precisou recuperar empréstimos feitos a homens borgonheses. Designou Ciappelletto para essa função, homem que “podia enlear e roubar com a consciência tranquila como a de um homem santo, apesar de blasfemar Deus e todos os sacramentos”, sendo por isso escolhido por Musciatto para recuperar os empréstimos concedidos aos borgonheses.<sup>79</sup> Quando já estava em Borgonha hospedado na casa de dois irmãos florentinos, Ciappelletto adoeceu.

Confusos com o que poderiam fazer com Ciappelletto, os dois irmãos se questionaram sobre a procedência de suas próximas ações. Mandar Ciappelletto embora faria com que fossem reprovados publicamente por o terem recebido com boa saúde e mantê-lo ali para se confessar à Igreja antes da morte era uma péssima ideia considerando a má fama do homem. Neste momento, Ciappelletto ouve a conversa dos dois irmãos e para ajudá-los a salvar os seus negócios e os próprios, pede aos irmãos que chamem o frade mais santo e bondoso que

---

<sup>78</sup> QUÍRICO, Tamara. Peste Negra e escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. *Revista Mirabilia*, v. 14, n. 1, p. 145, 2012.

<sup>79</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 52.

puderem encontrar, pois, tendo ele cometido tantos escárnios à Deus, mais um, antes de sua morte, não faria diferença.

O frade, já na presença de Ciappelletto, pergunta sobre 5 dos 7 pecados capitais (luxúria, avareza, ira, gula, soberba) e Ciappelletto desvia-se, mentindo impiedosamente sobre as perguntas do homem santo. O bom frade, acreditando nas mentiras, convida o enfermo para o sepultamento sagrado, junto a Deus e de outros homens santos.

Assim, Pânfilo conta que na mesma noite, após a confissão, Ciappelletto morreu. Com direito à honras, cantos e pluviais, o corpo ficou no altar da igreja, tendo sido louvado por muitos homens e mulheres da cidade, já que o frade convenceu o mosteiro da cidade de que através de Ciappelletto, “Deus realizaria muitos milagres”.<sup>80</sup> Assim, cresceu o número dos que adoravam Ciappelletto e como ninguém se mostrava contrário a esta fama, ele foi considerado santo. “Afirmou-se que Deus fez muitos milagres, por intermédio e através dele; e prossegue fazendo-os, todos os dias, a quem devotadamente se coloca sob a sua proteção”.<sup>81</sup>

Nesta história, Pânfilo conclui acreditar que Ciappelletto não deveria estar no paraíso, junto de Deus, mas sim, nas mãos do diabo. Porém, acredita que enorme é a graça e bondade de Deus que se manifesta “em consideração a pureza da fé”, e não em relação ao homem santificado em si. Por isso, em reverência a Deus, Pânfilo termina sua narrativa pedindo que todos ali sejam conservados “são e salvos nas adversidades presentes”, em decorrência de sua fé.<sup>82</sup> Isto é, desconsiderando as ações dos outros, sejam eles santos ou não, sejam eles manifestantes da palavra de Deus na terra, de forma falsa ou verdadeira, independente das condutas viciosas destes homens, existe uma súplica por consideração à fé dos que neles acreditam, em decorrência da palavra de Deus.

A novela que se segue, sendo a segunda novela da primeira Jornada, é contada pela personagem Neífile, que se sentava ao lado de Pânfilo. Neífile justifica sua história complementando Pânfilo, ao dizer que a verdade divina sustenta defeitos, inclusive daqueles que dela deveriam dar os testemunhos, por meio de obras e palavras. Talvez, seja por isso que a personagem salienta que devemos continuar acreditando naquilo que acreditamos, “ainda com mais firmeza de ânimo”.<sup>83</sup> Num contexto presente que pode aparentar ser desanimador,

---

<sup>80</sup> Ibidem, p. 62-63.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 65.

os personagens construídos por Boccaccio, invés de demonstrarem medo e aflição frente a um futuro que poderia parecer incerto, demonstram a importância de se recorrer a este passado mítico, presentificado através das crenças e das narrativas, expressando confiança para o que há de vir. O poder das palavras e da voz, emanadas a partir do círculo dos personagens, podem ser entendidos enquanto um rito que presentifica este passado mítico, já que o rito atualiza o mito e organiza a vivência no mundo.

Na segunda história, Neifile narra sobre dois personagens, Giannotto di Civigni e Abraão, dois amigos comerciantes, riquíssimos, que se diferenciavam muito pela fé. Enquanto o primeiro era cristão, o segundo era judeu. Por este motivo, Giannotto aliciava Abraão diariamente para o convencer acerca da fé cristã. Por isso, Abraão disse que consideraria as tentativas do amigo, viajando a Roma para conhecer “o vigário de Deus na terra”, analisando “os modos, os costumes, tanto dele, como dos irmãos dele, os cardeais”, a fim de averiguar por meio das palavras e costumes, a possibilidade de a fé cristã ser melhor que a fé judaica.<sup>84</sup> Se isso fosse verdade, Abraão se converteria, mas caso contrário permaneceria judeu. Aqui, pode-se averiguar novamente, como na novela narrada anteriormente, a importância da conduta nas narrativas escolhidas por Boccaccio e seus personagens.

Preocupado com a corrupção dos clérigos em Roma, Giannotto tentou convencer seu amigo Abraão a encontrar-se com homens santos em Paris, ali mesmo onde viviam. Nesta passagem, é perceptível a denúncia de Boccaccio contra a corrupção cristã, quando salienta a preocupação de Giannotto em deixar seu amigo Abraão presenciar a vida “celerada e suja dos clérigos”.<sup>85</sup>

Mesmo assim, Abraão teria ido a Roma, ao passo que lá, desagradou-se dos hábitos e costumes de todos os clérigos. Todos pecavam com a luxúria, por atos de sodomia; também “verificou, publicamente, que todos se mostravam universalmente gulosos, bebedores, ébrios - cuidando mais do próprio ventre, à maneira de animais irracionais”.<sup>86</sup> Presenciou a avareza e a ansiedade em ganhar dinheiro, vendendo tudo aquilo que consideravam divino, mesmo que pertencessem aos “sacrifícios e benefícios; vendiam e compravam dinheiro, para produzir

---

<sup>84</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 68.

mais lucro”<sup>87</sup>, fatos que desagradaram o judeu.

De volta a Paris, Abraão reencontra seu amigo Giannotto, que esperava tudo, menos a conversão e afirma: “Pareceu-me ver tanta gente vivendo plenamente satisfeita, que passei a considerar aquilo mais uma oficina de operações diabólicas do que um templo de atos divinos”.<sup>88</sup> Deste modo, Abraão concluiu que a razão da rápida expansão só poderia se justificar pelos alicerces e sustentáculos do Espírito Santo, que faz desta religião “mais verdadeira e mais santa do que qualquer outra”, e não poderia ser sustentada somente pela conduta dos homens. Tendo se convencido desta conclusão, Abraão se converteu. Mais uma vez, como na história anterior, a fé em Deus e no Espírito Santo parece ser a única justificativa para o cristianismo, em contraponto à total descrença dos homens e sua má conduta, que é caracterizada pela presença dos pecados capitais.

Apesar das críticas à conduta religiosa, Boccaccio não deixa de ser um homem cristão de seu próprio tempo. Veremos que incoerência das práticas cometidas pelos homens, principalmente religiosos, não parece abalar a sua fé em nenhuma das histórias do Decamerão, e mais precisamente, no presente trabalho, na análise da Jornada de Pampineia. A questão parece ser, de fato, a conduta, que é naquele contexto, o oposto daquilo que os personagens acreditam ser os valores do cristianismo ou de uma ordem social, pautada num suposto bem comum. Tal questão parece ser a base daquilo que poderia, de alguma forma, ter desencadeado a fúria e conseqüentemente, o castigo divino, aferido na presença da peste. Segundo Pânfilo, novamente, vivendo deste modo, os personagens esperavam estar conservados deste cenário, vivendo em uma contraposição dos valores e condutas da cidade e dos homens, levando uma estadia mais virtuosa que viciosa, segundo novamente, a intenção de Pampineia ao sugerir a ida ao Castelo.

Os pecados referidos pelo Decamerão se dariam em diversos âmbitos da vida cotidiana, mas eram cometidos essencialmente, através do corpo político-religioso, materializando-se nas disputas territoriais e no abandono das preocupações acerca de questões de fé. Tamara Quírico mencionou o cronista florentino Giovanni Villani, que também fora vítima da peste de 1348, e “indagava se os desastres que ocorriam em seu tempo deviam ser atribuídos a fatores outros que não a responsabilidade humana, ou se deviam ser

---

<sup>87</sup> Idem.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 69.



interpretados como retribuição divina aos pecados dos florentinos – “avareza, ganância e opressão do pobre pela usura”.<sup>89</sup>

Utilizando-se do sermão *Sicut laetantium omnium est in te* de Giordano de Pisa (1304), André Luis Pereira Miatello descreveu, curiosamente, sobre a crítica à corrupção dos costumes encontrada na documentação: Usura, egoísmo e o grande desinteresse pelo bem comum, práticas ocorrentes pela exaltação dos bens privados e por condutas individualistas, consolidadas através da disputa de poder por parte dos habitantes de Florença, já eram práticas relatadas desde o início do século XIV.<sup>90</sup> O autor demonstra a comparação de Florença com a cidade do Inferno, feita por Giordano em 1304, enquanto os florentinos seriam, neste contexto, também “peritos na arte de pecar”<sup>91</sup>:

“Quanto pecado, quanto vício, quanta sujeira por toda a cidade! Ora, não é este mundo um outro inferno, não se faz continuamente aqui aquilo que é feito no inferno? Todas as boas artes, que antigamente se costumam fazer, todas elas, hoje, estão corrompidas e falseadas e não há uma boa arte sem pecado. Quanto encontraremos da arte do paraíso, daqueles que estão em pureza, santidade e castidade?”<sup>92</sup>

Miatello relembra, ainda, que as boas artes eram o fator principal da constituição política da comuna de Florença. Para Giordano, tudo estaria corrompido: as corporações, a arte da lã e da mercadoria, a tecelagem e o comércio, que seriam as “grandes fontes de riqueza em Florença”.<sup>93</sup> Nesta perspectiva, condena-se também a busca pelo lucro desenfreado, numa lógica de amor ao bem privado, que recupera a discussão agostiniana de amor infernal, o devido amor por si mesmo.<sup>94</sup> É nesse sentido que a perspectiva dos vícios parece ser recuperada no Decamerão, já que a condenação à cidade de Florença pelos próprios florentinos é anterior aos dias da peste, reforçando a perspectiva de que os próprios cidadãos já “não encontravam consenso em torno da ideia de bem comum e sua política.”<sup>95</sup>

---

<sup>89</sup> QUÍRICO, T. Op. cit., p. 145.

<sup>90</sup> MIATELLO, Op. cit., p. 205.

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Agostinho de Hipona foi um importante teólogo do século IV, que influenciou toda a teologia medieval cristã posterior. Foi considerado um importante neoplatonista e escreveu acerca de diversos conceitos chave para a filosofia. Agostinho desenvolveu a concepção acerca do pecado original do homem, derivado das transgressões no Éden. Alguns trabalhos também fazem uma relação dos resquícios agostinianos no Decamerão. Cf. MENETTI, Elisabetta. “Boccaccio e a Fantasia”. São Paulo: Revista de Italianística. n. 29, pp. 109-133, 2015.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 208.

Um outro elemento interessante ressaltado por Miatello, anterior ainda ao Decamerão, é o elemento da fuga enquanto instrumento de redenção: “a cidade terrena pode vir a ser melhorada, e o método é a fuga.”<sup>96</sup>, ao passo que Giordano incentiva que os cidadãos fujam do pecado: “[...] cada cidadão, individualmente, é que deve fugir, pois a fuga coletiva parece impossível”<sup>97</sup>:

“[...] tu não deves pensar nos atos alheios; foge tu e escapa, salva-te, não prestes atenção nos outros: a quem é dada a graça de escapar, de fugir, que fuja e escape do mesmo modo que na derrota todo homem escapa como pode, e não cuida então dos demais, mas escapa e foge o quanto pode.”<sup>98</sup>

Aqueles que pecam sobre o bem comum através do exercício do mau governo e todos aqueles que estiverem cegos pelo amor próprio, acometidos pelo individualismo, pecam e se afundam em vícios. Desta forma, é justo considerar que tais circunstâncias teriam desencadeado a referida fúria divina. Todos os pecados e desvios de conduta por parte do corpo político acabam por instaurar uma desordem social, já que segundo Boccaccio, “Não apenas as pessoas livres, assim como as que estão encerradas em conventos [...] infringem as leis da obediência”.<sup>99</sup>

Na quarta novela da Jornada de Pampineia, pode-se utilizar a narrativa de Dioneio para elucidar melhor esta questão. Num mosteiro localizado na reunião da Lunigiana, em uma de suas saídas noturnas, um monge encontra uma jovem muito bonita e acaba convidando-a para a sua cela, “acometido pela concupiscência carnal”, sem que ninguém os visse.<sup>100</sup> No entanto, um abade, escutando os barulhos provindos da cela, se levantou e verificou que o monge estava com uma mulher. Num primeiro momento, o abade pensou em ordenar que a porta se abrisse, mas achou conveniente agir de outra forma.

No dia seguinte, o monge trancou a sua cela com a mulher dentro já que ela não poderia sair naquele horário sem que ninguém a visse, entregando a chave de seus aposentos para o abade do mosteiro, informando ainda que sairia para os trabalhos que não havia terminado no dia anterior. Desconfiado, o monge escondeu-se em uma ala para ver se o abade teria ouvido algo na noite anterior e viria à cela.

O abade, assim como o homem previra, entrou na cela e também viu-se acometido

---

<sup>96</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> NARDUCCI apud MIATELLO, Op. cit., p. 207.

<sup>99</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 41.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 75.

pelos “estímulos da carne”.<sup>101</sup> Quando o abade regressou ao seu quarto, ouviu o monge voltando e ordenou que fosse encarcerado, já que teria encontrado a bela jovem em sua cela enquanto ficava com a chave. O monge suplicou ao abade que lhe perdoasse desta vez, visto que estava a pouco tempo na Ordem de São Bento. Se assim procedesse, jurou não pecar novamente por esta mesma razão. Ao contrário, disse: “farei sempre como vi o senhor fazer”.<sup>102</sup> Naquele momento, o abade perdoou o monge, sentindo “remorsos pela sua própria culpa”.

<sup>103</sup>

Para Georges Duby, a perspectiva de uma estrutura política no medievo, desde os tempos mais remotos do período, é pautada na ideia de que a governabilidade e a ordem só seriam possíveis se cada um cumprisse o seu papel social na hierarquia política: Esta ideia era a de que a estrutura deveria ser “um só corpo onde cooperam todos os membros”, de forma a executar as ordens sob ameaça de “necessárias sanções”.<sup>104</sup>

Ao concentrar suas novelas especialmente nos desvios de conduta de clérigos, frades, abades e outras figuras religiosas a partir de sua prepotência na Jornada de Pampinea, Boccaccio parece resgatar uma concepção antiga, já elucidada por Alcuíno - poeta do século VIII - e trazida à tona aos nossos tempos por Duby, que salienta que o resto da sociedade definha quando seus governantes pecam e se corrompem, desafiando a ordem social.<sup>105</sup> Tal definhecimento é trabalhado desde o início da narrativa, tanto no Decamerão, como na presente pesquisa, ao descrever a cidade de Florença. Pode-se fazer uma associação com a ordem do mosteiro: Se não existem exemplos virtuosos, por quê de virtudes os indivíduos seriam feitos?

A clareza naquilo em que se acredita, sem se deixar contaminar pelo contexto em que se encontra, no entanto, também mostra que é possível se livrar de maus bocados nas histórias do Decamerão. Neste sentido, a personagem Filomena é quem apresenta a terceira

---

<sup>101</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> “Descobrimos assim, fundada nos ensinamentos máximos em que a cristandade latina não deixou de meditar, no Novo Testamento, em Gregório, em Agostinho, o conceito de uma reunião na obediência, imagem de uma falange que disciplina a estrita submissão dos subalternos aos superiores, a ideia de fileiras que devem ser cerradas, de ordens que devem ser executadas, sob a ameaça de necessárias sanções DUBY, Georges. As três ordens ou o imaginário medieval. Lisboa: Estampa, p. 86-87, 1994.

<sup>105</sup> “Dizia Alcuíno: “a bondade do soberano faz a prosperidade de toda a gente, a vitória dos exércitos, a saúde do povo”. Inversamente, se acontece o príncipe ser corrupto, no corpo pela doença, na alma pelo pecado, todo o Estado, cada um o sabe, parte à deriva.” Ep. 17 (793), MGH, Ep. IV, p. 51. apud DUBY, op. cit., p. 114.

narrativa da Jornada de Pampineia, comentando sobre Saladino, sultão da Babilônia, que conseguiu muitas vitórias frente a “reis sarracenos e cristãos”.<sup>106</sup> A personagem alega ter o intuito de demonstrar como as boas virtudes também afastam o homem de grandes perigos e “o coloca em posição de grande e seguro repouso”.<sup>107</sup>

Filomena conta que Saladino havia ficado doente e por conta disso, precisou de dinheiro emprestado, recorrendo a Melquisedeque, um judeu rico, porém avarento. Saladino ordenou que Melquisedeque viesse à sua presença e o lançou a um desafio, antes de lhe pedir o dinheiro. Perguntou-o então, quais das três religiões o judeu considerava verdadeira. “O judeu, que era sábio de fato, percebeu claramente que Saladino estava procurando colhê-lo em falso, nas palavras, para poder, depois, apresentar-lhe uma ou outra imposição”<sup>108</sup> e contou a história de um homem grande e rico, que possuía, dentre as joias de maior valor do seu tesouro, um anel precioso. Antes de morrer, o homem disse que aquele, dentre os filhos, encontrasse o anel, seria o herdeiro do trono, e que seus sucessores assim o deveriam fazer também.

Algum tempo depois, o anel chegou à mão de um sucessor que tinha três filhos bondosos e virtuosos, sendo por isso, amados igualmente pelo seu pai. Assim, fez duas cópias idênticas do anel original e antes de sua morte, distribuiu as duas cópias e o original entre seus filhos, de forma que ninguém conseguiu reconhecer a original. Nesta explicação, o judeu faz uma associação com as três leis religiosas, seguidas pelos três povos que se relacionam com Deus: “A seleção de uma dessas leis é o que o senhor me propõe. Cada povo admite estar em posse da Sua herança, da Sua verdadeira Lei, e dos seus mandamentos”.<sup>109</sup> Assim, Melquisedeque afirma que esta é uma questão que permanece em aberto até os dias atuais. Apesar das disputas políticas no período, a perspectiva da tolerância e do bom convívio destarte as diferenças, também parece aparecer como um elemento relevante.

Com Vittore Branca, Ana Carolina Lima Almeida relembra a aproximação de Boccaccio com estudiosos da escola de ciência de Nápoles, possibilitada pela Biblioteca Real de Roberto D’Anjou. Lá, tais estudiosos como Paolo dell’Abbaco e especialmente Andalò del Negro, mestre de Boccaccio “principalmente, no que diz respeito às ciências astrológicas”,

---

<sup>106</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 71.

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> Ibidem, p. 72.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 73.

“mediavam o conhecimento técnico e científico do oriente árabe para o mundo latino”.<sup>110</sup> Tal conhecimento científico, como pontuado anteriormente, foi desenvolvido em conjunto com tradutores judeus e cristãos, ao passo que Boccaccio parece reconhecer tal heterogeneidade erudita, já que tal “fascinante miragem helênica da época sugeria a Boccaccio uma aparência pseudo-grega dos títulos, de muitos nomes e de muitas supostas etimologias em suas obras”<sup>111</sup>

Recuperando a análise das novelas, analisaremos a sexta narrativa apresentada por Emília, onde é possível, novamente, averiguar a temática da avareza. A personagem conta que um religioso inquisidor e avarento moveu um grave processo contra um bom homem,

“[...] muito mais rico de dinheiro do que de prudência. Este homem, não por ausência de fé, mas apenas por falar com simplicidade, dissera aos seus companheiros, talvez desnortado pelo vinho, ou por uma emoção de alegria transbordante, que possuía um vinho tão bom, mas tão bom, que até Cristo o beberia.”<sup>112</sup>

Depois de dirigir palavras violentas e assustar o bom homem, o inquisidor acaba recebendo dele uma “boa quantidade da graxa de São João Barba-de-Ouro. [...] altamente virtuosa; admira que Galeno dela não fale em parte alguma dos seus escritos sobre remédios. Ela produziu tamanho efeito, que o fogo anteriormente ameaçado se transformou na graça de uma cruz”<sup>113</sup> e o homem recebeu somente a título de penitência a obrigação de ir todas as manhãs na missa de Santa Cruz.

Após uma das missas, foi questionado pelo frade inquisidor se tinha alguma dúvida ou algo para compartilhar, referente às missas que ouvira. O homem disse que havia escutado nas missas que tudo que damos, recebemos em dobro e que sendo assim, em sua próxima vida o inquisidor não precisaria se preocupar em morrer de fome, já que a única coisa que dava era uma quantidade enorme de restos de sopa aos pobres. Sentindo-se censurado pela própria hipocrisia, o inquisidor desobriga o homem de visitá-lo todos os dias.

Entendemos que Boccaccio faz aqui, através de sua personagem Emília, outra crítica a conduta *corpus* religioso na figura do inquisidor, que já sem motivos aparentes para condenar

---

<sup>110</sup> ALMEIDA, A. C. L. Op. cit., p. 54.

<sup>111</sup> “[...] fascinosa miraggio ellenico che suggeriva allora al Boccaccio la veste pseudogreca dei titoli e di tanti nomi e di tante pretese etimologie nelle sue opere”. In: BRANCA apud ALMEIDA, p. 54, 2009. tradução nossa.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 85.

os homens além da própria ganância, fora censurado pela consciência dos mesmos. Portanto, através da análise destas histórias, a conduta, virtuosa ou não, parece ser, desta forma, um conceito importante para o entendimento do tempo presente da narrativa e das suas consequências, instrumentalizado conscientemente ou não pelo autor para a constituição de sentido da sua obra.

## O CASTIGO DIVINO ENQUANTO EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

Analisar o Decamerão, e mais especificamente, a Jornada de Pampinéia enquanto uma crítica às instituições e do contexto social em que se inserem a partir da conduta, é possível a partir da ótica da explicação para tal “castigo Divino”. O mundo talvez devesse se estruturar novamente, não a partir da negação de uma hierarquia imposta por Deus ou até mesmo da religiosidade, mas, através da crítica e da reformulação das condutas de fé, que circundadas por vícios e maus costumes, estariam contaminando o espaço social e provocando, por sua vez, a ira de Deus e conseqüentemente, o castigo divino.

O castigo divino pode ser considerado uma experiência histórica de longa duração, já que não aparece pela primeira vez no contexto do século XIV, proveniente das mortandades justificadas pelo acometimento da peste bubônica, sendo por isso, considerado na presente pesquisa uma presentificação do passado, mais do que somente, uma representação: A peste não representa o castigo, ela é o próprio castigo.

Pode-se considerar que tal “castigo divino” que acaba por irromper no presente da narrativa, tem suas raízes desde, pelo menos, o Antigo Testamento, onde pragas e epidemias como as próprias pragas do Egito, por exemplo, foram consideradas um castigo frente à conduta do *corpus* social “pagão”, mas também, possivelmente enquanto uma tentativa de normatizar o comportamento daqueles que acreditam em Deus, através da obediência à ordem ditada que evitaria a punição:

Esta é a lei, isto é, os decretos e as ordenanças, que o Senhor, o seu Deus, ordenou que eu ensinasse a vocês, para que vocês os cumpram na terra para a qual estão indo para dela tomar posse. Desse modo, vocês, seus filhos e seus netos temerão o Senhor, o seu Deus, e obedecerão a todos os seus decretos e mandamentos, que eu lhes ordeno, todos os dias da sua vida, para que tenham vida longa.<sup>114</sup>

Já no Novo Testamento, relembra Mário Jorge da Motta Bastos, “destaca-se a imagem clássica do Livro do Apocalipse de São João, em que a abertura do quarto selo liberta o cavaleiro de nome morte, com o poder de matar, sobre as quatro partes da terra, à espada, à fome, com a peste e por meio das feras da terra.”<sup>115</sup> Por isso, a atribuição da peste ao castigo divino é considerada aqui enquanto um mecanismo importante do passado, que dá significado e atribui sentido ao presente a partir da conduta do *corpus* político, econômico e

---

<sup>114</sup> Deuteronômio 6:1-9.

<sup>115</sup> SOARES apud BASTOS, p. 26, 2009.

social. Nos distanciemos agora do contexto de Boccaccio, para analisar os muitos resgates ao conceito de “castigo divino”, muito antes de seu tempo, mas que perduram até os dias atuais na expressão “Deus castiga”, analisando tais resgates na longa duração do período medieval.

Ao questionar as rupturas históricas, no debate acerca dos conceitos “Antiguidade Tardia” ou “Alta Idade Média” e discutir acerca da conhecida crise do século III, já muito abordada pela historiografia para entender a chamada “crise do Império Romano” - hoje já contestada por historiadores e historiadoras -, Marcelo Cândido da Silva observou, por exemplo, a existência no século IV de

“razões distintas, mas não menos importantes, para os abundantes relatos que acentuam as calamidades daquele tempo. Eusébio, Ambrósio de Milão e outros historiadores cristãos apresentam um quadro catastrófico do Império Romano Tardio: as epidemias devastadoras, as invasões bárbaras, as guerras civis e as mortes violentas de imperadores e outros personagens importantes seriam castigos enviados por Deus, em resposta às perseguições sofridas por seus fiéis. Essa leitura dos eventos contemporâneos explica-se também pelo caráter teleológico da reflexão historiográfica cristã: no interior de comunidades ainda profundamente marcadas pelo ideal salvífico, os acontecimentos apocalípticos eram a melhor demonstração da iminência do retorno do Cristo.”<sup>116</sup>

Na mesma linha, Cesário de Arles, já no século V, seria outro exemplo de um monge da tradição cristã que se utilizou do conceito de “castigo divino” para condenar os praticantes da magia, pagãos, filósofos e os judeus, por exemplo, por suas condutas, enquanto hereges. Paulo Duarte Silva menciona que quando Cesário discorre acerca das artes liberais - metodologia de ensino organizada na Idade Média que fornecia uma educação multidisciplinar aos indivíduos, resgatando preceitos da filosofia antiga e pagã -, conclui que:

“os cantos dos poetas são vãos e servem apenas para entreter a imoralidade [...]. Daí o apelo à depuração da cultura para eliminar todo resquício de paganismo. O mesmo Cesário pedia humildemente que os letrados se contentassem em suportar sem reclamações as expressões rústicas, de modo que o rebanho do Senhor pudesse receber o alimento celeste em uma linguagem simples e terra a terra”<sup>117</sup>.

Curiosamente, no Decamerão, existe a preocupação com essa linguagem simples, através da escolha de Boccaccio em narrar histórias contadas nas praças e que muito eram conhecidas através da oralidade, ou seja, da linguagem do povo. Como já vimos, também

---

<sup>116</sup> CÂNDIDO, Marcelo da Silva. Entre “Antiguidade Tardia” e “Alta Idade Média”. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História: Maringá, v. 12, n. 2-3, p. 59, 2008.

<sup>117</sup> CÂNDIDO, M. Op. cit., p. 61.



existe no Decamerão um retorno ao rústico, conforme as referências ao campo. No entanto, conforme abordamos, o próprio Giovanni Boccaccio, através das novelas, faz menções a outras religiões, convivendo de forma amigável entre si, se utilizando ainda, no cerne de sua obra, de filosofias que tiveram suas raízes na antiguidade pagã. Identifica-se, portanto, uma presentificação do “castigo divino” e não só dele, mas de uma heterogeneidade cultural que é característica fundamental do período medieval, ao passo que Boccaccio reformula aspectos de diferentes filosofias e de religiosidade, de acordo com a necessidade de entender e justificar o seu próprio contexto histórico.

Silva, ao escrever sobre a normatização dos padrões de comportamento a partir de sermões, considerando ainda o monge Cesário, mostra como o bispo compara os hereges e os filósofos às pragas do Egito, considerando-os tão “superficiais, audaciosos e loquazes quanto os sapos, já que murmuram nos pântanos da idolatria, ao afirmar que tudo em Cristo seria falso ou contraditório [...]”<sup>118</sup>, ao passo que o monge sempre se atenta para a consequência do castigo divino não somente para os seguidores de outras religiões ou religiosidades, mas também para com os próprios cristãos:

“os riscos de condenação eterna que corriam os fiéis que se mantivessem nos erros – tais como homicídio, adultério ou roubo –, Cesário adverte: Eu vos suplico, irmãos, não pensem (...) ou acreditem que isto foi dito apenas aos judeus ou pagãos ou hereges. Acreditem firmemente que Cristãos e Católicos ouvirão, caso perseverem em obras más. Nem pagãos nem hereges ou judeus irão ao julgamento, pois está escrito (...): quem não crê já está condenado [João 3:18, BJ, 1848] (s. 157.4: 356)”<sup>119</sup>

Torna-se evidente que em diferentes períodos dentro da própria Idade Média, foi conservada dentro da mentalidade medieval uma perspectiva de um Deus onipotente que é capaz de castigar, mas também de fazer com que a peste desapareça. Por isso, ao mesmo tempo em que castiga, é misericordioso, pois há uma razão de ser para tais castigos - a conduta indisciplinada.

Aspectos da misericórdia também já aparecem no início da Idade Média. Gregório de Tours, por exemplo, foi o primeiro historiador a registrar, em seu livro *Historiae Francorum* (liber X, 1) o episódio do Papa Gregório Magno que conseguiu, com sua fé, extirpar a peste

---

<sup>118</sup> SILVA, Paulo Duarte. As Heresias nos sermões de Cesário de Arles: Pregação e Afirmação Episcopal no século VI. Plêthos: Niterói, v. 1, p. 111, 2011.

<sup>119</sup> SILVA, P. D. Op. cit., p. 112.

que atingiu Roma no século VI, após a morte do Papa Pelágio II. Por ocorrência dos flagelos da peste e das vidas ceifadas por ela neste período, o Papa Gregório mandou organizar uma procissão pelas praças da cidade. Junto da procissão, ao chegar perto do Castelo de Sant'Angelo, Gregório viu no topo do castelo a figura de arcanjo São Miguel, que terminava de limpar o sangue de uma espada para colocá-la, posteriormente, na cintura. Ao ter esta visão, teve certeza que a peste tinha acabado, por misericórdia divina.

Historicamente, portanto, aferimos que apesar de ser o castigo divino que desencadeia a peste, é também através de Deus e dos anjos, mas principalmente da conduta virtuosa e da fé, que ela pode desaparecer. No século VII, Isidoro de Sevilha escreveu que apesar da peste se dar por contágio, certamente não poderia acontecer sem a vontade de Deus:

*“Peste es lo mismo que "contagio", porque, cuando uno está afectado, al punto se lo transmite a los demás. Tiene su origen en el aire corrompido, y encuentra su campo de cultivo en las visceras en que penetra. Aunque esta enfermedad está muchas veces provocada por las propiedades que el aire tiene, no ocurre nunca, sin embargo, sin la decisión de Dios omnipotente. [...] Se llama también inguina, por el tumor que se presenta en las ingles. Igualmente se conoce como lues (epidemia), derivada de labe (ruina) y luctures (aflicción), y es tan rápida que no da ocasión a esperar la vida o la muerte, ya que la repentina enfermedad trae consigo la muerte.”*<sup>120</sup>

Analisando diversas fontes, principalmente a partir de cronistas do século XIV, Tamara Quírico demonstrou como a alusão ao castigo divino continuou sendo fortemente utilizada dentre os contemporâneos de Boccaccio, já que os cronistas passaram a mencionar que “a peste era compreendida [...] como uma punição divina, um inferno antes mesmo da morte, e que anteciparia os castigos eternos causados pelos pecados cometidos em vida”.<sup>121</sup> A autora relembra, no século IX, o questionamento de Wetli a um anjo, o motivo de tantas pessoas morrerem em surtos de peste, enquanto o anjo dizia que “a punição dos pecadores pelo grande número de pecados cometidos no mundo” seria a razão de tais atrocidades.<sup>122</sup> Neste sentido, ela demonstrou como referências do antigo testamento ainda continuavam a ser utilizadas na Idade Média para justificar a pestilência a partir do século VIII, apesar da

---

<sup>120</sup> ISIDORO DE SEVILHA. Etimologías, IV, 6, 17. (E. bilingue, ed. e trad. de J. Oroz Reta e M.-A. Marcos Casquero, introd. de M. C. Diaz y Diaz). Madrid: BAC, p. 479, 2004.

<sup>121</sup> QUÍRICO, T. Op. cit., 146.

<sup>122</sup> GARDINER apud QUÍRICO, idem.

diminuição de relatos sobre peste terem diminuído consideravelmente, num período de quase seis séculos, como levantou Bastos.<sup>123</sup>

E é neste sentido que estas passagens remontam ao castigo divino e o transformam numa experiência histórica, onde temos um Deus que pune aqueles que não obedecem às suas leis e ordens, mas é também capaz de perdoar, resgatado durante todo o medievo para dar sentido às atribuições presentes na obra de Giovanni Boccaccio e analisadas na presente pesquisa: “[...] porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelo pecado de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações, os que me amam e obedecem aos meus mandamentos”.<sup>124</sup>

O Decamerão é uma obra que utiliza-se do castigo divino através de uma perspectiva adaptada à sua própria realidade. Para a análise presente, a utilização do termo “castigo divino” não deve ser entendida meramente como um resgate purista da expressão, principalmente porque Boccaccio considera diferentes perspectivas de fé dentro de sua obra, diferente da aceção de Cesário de Arles, no século V, por exemplo, que desconsidera todas as perspectivas que se afastam do cristianismo, em sua percepção. No entanto, o resgate do termo existe porque está inserido numa linha de raciocínio histórica que dá sentido ao presente.

Por ser uma expressão que percorre os tempos históricos e que se torna presente, a utilização da expressão para justificar a peste por Boccaccio em O Decamerão não pode ser, obviamente, uma ruptura. No entanto, também não pode ser analisada somente sob a ótica de uma mera continuidade, uma vez que a presentificação do termo carrega consigo uma gama filosófica que transcende o cristianismo e que é própria do contexto medieval em que o autor está inserido, fruto de um movimento do saber. Por isso, seu resgate é possível aos termos de uma reformulação que transparece suas raízes históricas, raízes estas que possibilitam a análise de sua razão de ser, mas também das especificidades de seu próprio contexto, decorrente de nove séculos de diferença do início daquilo que a historiografia insistiu em enquadrar dentro de um período único: A Idade Média.

---

<sup>123</sup> “Cessam, misteriosamente, em 767, as referências às epidemias. Desinteresse dos cronistas de época por relatar fenômeno já quase “cotidiano”? Ou encerrara-se, a esta altura, por razões não muito claras para os especialistas, o primeiro grande ciclo epidêmico de peste?” In: BASTOS, Mário Jorge da Motta. O poder nos tempos de peste (Portugal - séculos XIV/XVI). Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, p. 27, 2009. Op. cit.

<sup>124</sup> Deuterônimo 5:8-10.

## QUANDO O “TRAUMA” IRROMPE NO PRESENTE

O trauma manifesta-se através da presença do passado. Nesse sentido, ele não se encontra somente no passado, porque irrompe no presente. Segundo Walton O. Schalick, o termo “Trauma (τραῦμα) vem de raízes áticas gregas, reestruturado possivelmente a partir do termo *τρεν-, τρου- ου τρώώ* ('ferir'), relacionadas ao verbo, *τιτρώσκώ*, que significa “ferir ou danificar”, sendo que ao final do século XIX, o termo progressivamente começou a se tornar uma metáfora para a luta da mente em lidar com situações repentinas e mudanças inesperadas, uma luta da mente para reconhecer os danos inesperados da vida, sejam intencionais ou acidentais, sejam eles provocados pelo homem, ou de forma natural.<sup>125</sup> Por isso, para ele, “Médicos humanistas e medievalistas podem encontrar valor na ferida metafórica através do " trauma ", utilizando-se dele com grande efeito.”<sup>126</sup>

Não é a ideia deste trabalho se ater para os desdobramentos do conceito de trauma na historiografia de forma profunda, já que muitos trabalhos já se ocuparam de tal função anteriormente.<sup>127</sup> Para a presente pesquisa, basta considerar que o trauma enquanto categoria de análise foi utilizado durante a história, em primeira instância, para tratar de feridas do corpo, ou da alma.<sup>128</sup> Com Freud e a psicanálise, o conceito ganha corpo, ao passo que influencia no processo de desenvolvimento da psiquê humana, situado no inconsciente dentro de uma espécie de uma cripta, que explicava a dificuldade em acessá-lo conscientemente.

No entanto, ao passo que o conceito é desenvolvido a partir do século XIX enquanto metáfora para explicar a luta da mente com os danos inesperados da vida, talvez seja plausível utilizá-lo enquanto conceito heurístico para entender outros contextos históricos. Para tanto, poucos foram os trabalhos que se preocuparam em abordar esta questão antes da modernidade e mais especificamente na Idade Média.

---

<sup>125</sup> SCHALICK, Walton Foreword, XIII. In: TURNER, Wendy J; LEE, Christina (orgs.). *Trauma in Medieval Society*. Boston: Brill, 2018. Op. cit.

<sup>126</sup> Idem.

<sup>127</sup> Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Literatura e Trauma Pro-Posições: Campinas*, vl. 13, n. 3(39), Dezembro, p. 135-153, 2002.

<sup>128</sup> Galen, *De Anatomicis administrationibus*, II 3/K II 2809, in Adalberto Pazzini, ‘Ancora sulla possibilità o meno di autopsie umane in Roma antica (con special riguardo ad un eventuale ‘jus cadaveris’)’, *Rivista di Storia della Medicina* 15 (1971): 131-50 apud SCHALICK, 2018, Foreword, XIV. Op. cit.

Segundo Schalick, o “trauma conecta o imediatismo do evento com as reverberações tectônicas da memória, propagando-se através da vida do indivíduo ou de um grupo”.<sup>129</sup> Poderia ser, por isso, socialmente experimentado através de uma perspectiva de pertencimento que constituiria a consciência histórica dos indivíduos de um determinado grupo.

Ao trabalhar com a relação literatura-testemunho-trauma, Shoshana Felman, ao mencionar o romance de Albert Camus intitulado “A peste”, sugere que “a capacidade de testemunhar e o ato do testemunho envolvem em si mesmos uma qualidade curativa e já pertencem, por caminhos obscuros, ao processo de cura”.<sup>130</sup> Para ela, o testemunho se opõe à pura teoria, já que ao “Testemunhar - prestar juramento de contar, prometer e produzir seu próprio discurso como evidencia material da verdade -”, realiza-se “um ato de fala, ao invés de simplesmente formular um enunciado”<sup>131</sup>.

Assim, a autora se questiona se seria o testemunho, “portanto, um simples meio de transmissão da história ou, por vias obscuras, uma forma de cura insuspeita? Se a história tem dimensões clínicas, como pode o testemunho interferir ao mesmo tempo historicamente (politicamente) e clinicamente, de forma pragmática e eficaz?”.<sup>132</sup> Para Jean Delumeau, “encontrar as causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstituir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação dos remédios”<sup>133</sup>, ao passo que Felman acredita que “a designação para testemunhar é, paradoxalmente, uma designação para transgredir os limites daquela posição isolada, para falar intercedendo pelos outros e para outros”.<sup>134</sup>

Ann G. Carmichael aponta para “continuidade na memória coletiva da peste entre as epidemias, mesmo que sejam amplamente separadas no tempo”.<sup>135</sup> Para a autora,

“Nós não podemos simplesmente assumir que as histórias da peste que circularam anos e anos depois foram transmitidas enquanto contos de fada, épicos ou pregações. A distância temporal certamente estimulou, administrativamente, o recurso da recordação através da memória e da

---

<sup>129</sup> SCHALICK, Op. cit., Foreword XIII.

<sup>130</sup> FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). Catástrofe e representação: ensaios. São Paulo: Escuta, p. 22, 2000.

<sup>131</sup> Idem.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> DELUMEAU, J. Op. cit., p. 201.

<sup>134</sup> FELMAN, S. Op. cit., p. 16.

<sup>135</sup> CARMICHAEL, Ann. G. The Last Past Plague: The Uses of Memory in Renaissance Epidemics. *Journal of the History of Medicine*: Oxford, vol. 53, April, p. 133, 1998.

tradição; os filhos e netos de uma praga sofreram as outras com memórias das pandemias anteriores, utilizadas conscientemente.”<sup>136</sup>

No Decamerão, como vimos, encontramos estas histórias que circulavam como que, ao que parece, um recurso para lidar com a peste. Ao estudar sobre os usos da memória nas epidemias da Renascença, a autora demonstra como, por exemplo, alguns “magistrados do final do século XVI, [...] encomendaram textos sobre pragas passadas que apresentavam de maneira uniforme testemunhos de boa governança derrotando atrocidades”.<sup>137</sup> O estudo de Carmichael aponta para a busca incessante de documentos escritos no momento de pestes passadas enquanto testemunhas oculares que indicassem alguma saída frente a mortandades presentes. Nos momentos em que a peste irrompeu no presente, foi necessário “impor uma ordem narrativa sobre uma praga passada, atribuindo seu início, meio e fim, selecionando os fatos e memórias necessários para capturar a essência ou o significado da praga.”<sup>138</sup>

Partindo deste pressuposto, é possível analisar o resgate do castigo divino no Decamerão enquanto uma consequência de um desencadeamento traumático das circunstâncias presentes. Este castigo se transforma num trauma coletivo na medida em que permeia a história, passa de gerações em gerações e torna-se presente na explicação da realidade presente, principalmente através dos testemunhos dos personagens de Boccaccio. Partindo dessa perspectiva, o trauma do castigo divino é também o fator que consideramos como fundamental para o desencadeamento do sofrimento, do medo e da aflição daqueles que presenciaram os retornos das epidemias e todo o contexto perturbador que ela instaurou, ao levar consigo milhares de vítimas dentre os mais diversos períodos.

Assim, o trauma do castigo é um elemento que se insere em nossa consciência histórica coletiva, mais especificamente a partir de uma tradição continuada e ressignificada da bíblia. A consciência histórica instrui, organiza e atribui sentido ao mundo exterior e segundo Jörn Rüsen, ela “representa o passado em um inter-relacionamento mais explícito com o presente, guiado por conceitos de mudança temporal e por reivindicações de verdade; ele reforça a especificidade temporal do passado como uma condição para sua relevância no

---

<sup>136</sup> “We cannot simply assume that plague stories circulated year in and year out, transmitted like fairy tales, epics, or moral homilies. The temporal distance surely prompted administrative recourse to recorded memory and tradition; the children and grandchildren of one plague suffered another with consciously used memory of the previous epidemic”. Idem, tradução nossa.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 164.

presente.”<sup>139</sup> Já o trauma, entendido enquanto componente desta vasta consciência histórica, acaba por, segundo Seligmann-Silva, perfurar o presente, “caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa.”<sup>140</sup>

Seligmann-Silva, ao tratar do trauma na contemporaneidade e suas reverberações na literatura, identifica que “o elemento traumático do movimento histórico penetra nosso presente tanto quanto serve de cimento para nosso passado”, através das simbologias que o “representam”.<sup>141</sup> Já no Decamerão, não é possível identificar uma “representação” do trauma através do símbolo, já que o símbolo - que se manifesta na peste e no castigo divino ocasionados a partir da conduta - é, em essência, o próprio evento traumático irrompendo no presente. As novelas e o cenário do Decamerão podem ser entendidos, neste sentido, enquanto sistema simbólico que justificam o castigo divino, mas não que o representam.

Apesar de analisar o trauma na literatura, mais especificamente a partir da contemporaneidade, Seligmann-Silva ainda considera que a literatura pode ser fonte fundamental para a identificação de experiências traumáticas destes tempos remotos, principalmente porque a “introjeção da cena traumática praticamente se confunde com a história da arte e da literatura” através do testemunho.<sup>142</sup>

Ao citar obras como *Ilíada*, *Os Sertões*, *Édipo Rei*, *Hamlet* e outras, o autor demonstra como, “A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma”, já que o “trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”, inclusive em casos da impossibilidade de testemunhos que as vítimas das catástrofes poderiam fornecer.<sup>143</sup>

Mamede Said Maia Filho atenta-se ainda para o fato de que

“As obras artísticas que envolvem a representação dos eventos traumáticos demonstram a necessidade que os sujeitos possuem de, narrando aquilo que vivenciaram, adquirir forças e se colocar em condições de resgatar e superar a violência sofrida. Os fatos precisam ser lembrados; calar e esquecer não se constituem em saídas possíveis.”<sup>144</sup>

---

<sup>139</sup> RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*, n. 2, p. 166, 2009.

<sup>140</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 69, 2008.

<sup>141</sup> SELIGMANN-SILVA, M. Op. cit., p. 137.

<sup>142</sup> SELIGMANN-SILVA, M. Op. cit., p. 70.

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> FILHO, Mamed Said Maia. Entre o Passado e o Presente, a afirmação da memória como direito fundamental. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, p. 46, 2013.

É neste sentido que, para Seligmann-Silva, o trauma se constitui num paradoxo desencadeado pela catástrofe. Para o autor, o conceito deriva de uma raiz indo-europeia com duplo sentido: “"friccionar, triturar, perfurar"; mas também "suplantar", "passar através". Nesta contradição, - uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica”, sendo que por este motivo, não poderia ser acompanhada por formas simples de narrativas.<sup>145</sup>

Boccaccio, através da narrativa de seus personagens, escreve para dar algum consolo aos que precisam, mas também para testemunhar a conduta do *corpus* social e correlacionar aspectos do contexto que, de alguma forma indicariam os motivos para tal fúria ou castigo divino, principalmente quando seus personagens clamam por redenção ao final das histórias.

É por este motivo que o “espaço de experiência” traumático proveniente das experiências passadas de peste é que norteia, através da consciência histórica, as ações dos indivíduos traumatizados na documentação. Em Koselleck, esta “experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”.<sup>146</sup> Assim, “a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas”.<sup>147</sup>

Neste sentido, a peste e as imagens que a epidemia carrega consigo estão inseridas na realidade presente, ao passo que suas explicações possuem uma correlação intrínseca com o passado, que, como já vimos, estabelece precedentes de longuíssima duração:

E [Iahweh] disse: Vou ocultar-lhes o meu rosto/ e ver qual será o seu futuro!/  
Pois são uma geração perversa,/ são filhos que não têm fidelidade! (...)/  
Vou lançar males sobre eles,/ e contra eles esgotar as minhas flechas!/  
Vão ficar enfraquecidos pela fome,/ corroídos por febres e pestes violentas (...)/  
Fora, a espada lhes tirará os filhos/ e dentro o terror se instalará;/ perecerão  
todos: o jovem e a donzela,/ a criança de peito e o velho encanecido.<sup>148</sup>

Ao considerar-se um “anão nos ombros de gigantes”<sup>149</sup>, o indivíduo medieval, segundo percebe a materialidade de sua experiência histórica porque consegue senti-la e dela

---

<sup>145</sup> NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio, Op. cit., p. 08.

<sup>146</sup> KOSELLECK, R. Op. cit., 309.

<sup>147</sup> KOSELLECK, R. Op. cit., p. 312.

<sup>148</sup> Êxodo, 32, 20 e 23-25 apud QUÍRICO.

<sup>149</sup> Bernardo de Chartres apud João de Salisbúria, *Metalogicon*, III, 4.



participar. Se utiliza dela, ainda, para dar sentido ao presente, e por isso, segundo o autor, consegue presentificar experiências, invés de simplesmente “representá-las”, encobrando-as de sentido. “Cultura de presença, como disse, é diferente de cultura de sentido porque não nos impõe a obrigação e a expectativa constantes de que devemos transformar o mundo por meio de nossas ações.” Assim, a cultura de presença, para Hans Ulrich Gumbrecht, “nos assinala um lugar dentro de uma cosmologia estável, insinuando que a passagem do tempo não será vivenciada como produtora de uma distância vis-à-vis com o passado.”<sup>150</sup>

Ainda no que diz respeito à presença, para Gumbrecht, é a “ciência moderna, herdeira e remate da metafísica, que transforma o mundo num lugar onde (já) não há fatos, apenas interpretações”<sup>151</sup>, corroborando numa “perda de mundo”<sup>152</sup>, onde os fenômenos passados não seriam mais passíveis de presença, mas sim, de representação, ao passo que as referências de mundo não estariam mais fundadas na perspectiva de “experiência”. Assim, escreve o autor, a era moderna redefine aos termos do cristianismo, por exemplo, a questão do corpo e do sangue de cristo. Nesta perspectiva, “cada vez mais o “é”, na expressão “este é o meu corpo”, passou a ser entendida como “significa” ou “quer dizer” o meu corpo.”<sup>153</sup> Existe aí, uma distância temporal das substâncias relacionadas ao próprio indivíduo que experimenta e sente os fenômenos. O sentido ou a representação, “coloca em oposição o sujeito, observador excêntrico e incorpóreo”<sup>154</sup> enquanto a presença oferece a possibilidade de “penetrar a superfície do mundo para extrair dele conhecimento e verdade”.<sup>155</sup>

Torna-se, portanto, necessária para este presente trabalho, o entendimento da presença corpórea da peste, elemento desencadeador do trauma, ao passo que a peste só pode irromper em meio a presentificação do sofrimento instaurado pelo castigo divino. Sendo assim, a peste enquanto manifestação divina presentifica um passado que não passou, mas que retorna ao presente e participa dele continuamente e materialmente através do castigo, da fome, da morte e da deterioração dos corpos, sejam estes corpos individuais, sociais ou políticos.

---

<sup>150</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. História da Historiografia, Ouro Preto, n. 3, p. 17, setembro, 2009.

<sup>151</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 79, 2010.

<sup>152</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>153</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>154</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>155</sup> Idem.

Wendy J. Turner e Donna Trembinski em “Trauma in Medieval Society” argumentaram que é possível falar sobre trauma em um contexto medieval, sem abandonarmos o modelo historicista que tenta compreender o passado em seus próprios termos, isto é, de forma hermenêutica.<sup>156</sup> Isso porque, seja na música, como em cantigas, ou através da arte e das ilustrações, seria possível encontrar formatos claros e bem consolidados acerca de exemplos particularmente fortes de sofrimento humano, onde o trauma enquanto pode ter sido acionado através de diferentes narrativas medievais sobre a ótica da melancolia, do medo, horror, perda de controle, dor ou raiva.<sup>157</sup> Neste sentido, Quírico ainda salienta que:

Pode não ser possível estabelecer uma correlação clara entre estruturas mentais e fatores como mudança demográfica, estrutura familiar, ou desarticulações climáticas e econômicas. Entretanto, o surgimento de temas macabros na arte, a obsessão com a morte, e o sentimento de solidão, “orfanização”, abandono, e melancolia tão comumente observados pelos historiadores nesse período sugerem uma traumática mudança na consciência.<sup>158</sup>

Separado de nós no tempo e no espaço e talvez por isso mal compreendido, o indivíduo medieval foi condenado pela modernidade ao *topos* da brutalidade do cotidiano enquanto um ser apático, e, por isso, acostumado às intempéries cotidianas.<sup>159</sup> Na contramão desta ideia, a análise do Decamerão parece oferecer grandes contribuições nesta discussão, refletindo a potencialidade das experiências traumáticas em dar sentido às relações sociais através de todos os tempos históricos, reforçando preceitos que o autor parece se preocupar, para conservar a manutenção da vida. No intuito de finalizar esta análise, realizando uma ligação com o próximo capítulo, gostaríamos de evidenciar o trecho a seguir, onde Felman faz uma relação entre o trauma, a literatura, o testemunho e a necessidade de superação:

“Buscar a realidade é tanto partir para explorar a ferida infringida por ela - voltar e tentar penetrar o estado de estar sendo atingido, ferido, pela realidade [wirklichkeitswund] - quanto tentar, ao mesmo tempo, reemergir da paralisia desse estado, para engajar-se na realidade [Wirklichkeit sunchend] enquanto advento, um movimento, e enquanto uma necessidade vital e crítica de prosseguir. É para além do choque de ter sido atingido, porém, apesar disso, dentro da ferida e de dentro do estar ferido, que o evento, por mais incompreensível que possa ser, torna-se acessível. A ferida

---

<sup>156</sup> Cf. TURNER, Wendy J; LEE, Christina. Conceptualizing Trauma for the Middle Ages. In: Trauma in Medieval Society. Op. cit., pp. 03-12. e cf. TREMBINSKI, Donna. Trauma as a Category of Analysis. In: Trauma in Medieval Society. Op. cit., pp. 13-34.

<sup>157</sup> Idem.

<sup>158</sup> GOODICH apud QUÍRICO, p. 145, 2012.

<sup>159</sup> Cf. ELIAS, N. O processo civilizador: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

dá acesso à escuridão que a linguagem teve de enfrentar e atravessar no próprio processo de seu "aterrador tornar-se mudo. Buscar a realidade por intermédio da língua "com seu ser", buscar na língua exatamente aquilo que a língua teve de atravessar, é, portanto, fazer de seu próprio desabrigo - da abertura e da acessibilidade suas próprias feridas - um meio inesperado e inusitado de acessar a realidade, a condição radical para uma exploração forçada da função testemunhal e do poder testemunhal da lingual: é entregar sua própria vulnerabilidade à realidade, como a condição de uma disponibilidade excepcional e de uma atenção excepcionalmente sensibilizada e submetida à relação entre linguagem e os eventos"<sup>160</sup>

E é neste sentido que, na Idade Média, as experiências também “liberam os prognósticos e os orientam”<sup>161</sup>

Por fim, considerando novamente os indivíduos medievais como resultado de seu próprio tempo, não tivemos a intenção de realizar, no presente trabalho, uma crítica aos preceitos de ordenança, racionalidade ou fé, partindo de uma perspectiva ideológica, como os aspectos necessários para a cura da sociedade. Ao mesmo tempo, inexistente neste trabalho a intenção de reforçar estes preceitos ou considerá-los como indispensáveis à vida. Com o “trauma”, buscamos entender o impacto das experiências traumatizantes do passado na constituição de sentido do presente e, conseqüentemente, na estruturação de um agir para o futuro, conforme veremos a seguir.

---

<sup>160</sup> FELMAN, S. Op. cit., p. 40-41.

<sup>161</sup> KOSELLECK, Op. cit., p. 313.

## O DECAMERÃO COMO UTOPIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA

Como nos lembra Estevão de Rezende Martins em “História de países imaginários: Variedades dos lugares utópicos”, a origem da palavra utopia é grega: “A palavra é formada por um prefixo (*u*) e um substantivo (*topos*). O que isso quer dizer? Utopia é uma expressão cunhada para designar uma concepção, uma representação de um lugar, de uma situação, de uma realidade, que hoje - aqui e agora - não existe”.<sup>162</sup> Este lugar não existe, porque o prefixo “u” é de negação, e o substantivo “topos” diz respeito ao lugar. Portanto, a utopia seria um não-lugar. O autor salienta ainda que este mundo utópico é frequentemente estruturado a partir de um contraste da realidade social, considerando principalmente a mudança do comportamento moral da sociedade.

Vimos que o elemento motivador para Jornada de Pampineia, após o encontro dos personagens na Igreja de Santa Maria Novella é a fuga para este não lugar, já que na cidade de Florença, Pampineia se assusta com os indivíduos largados à própria sorte, apavora-se por não encontrar nenhuma pessoa de sua família dentro os semblantes dos que sobrevivem e afirma que nestas condições torna-se incômodo habitar sua casa, como a cidade, ou qualquer outro lugar fora dela. Neste sentido, o espaço encontrado pelos personagens de onde são narradas as dez jornadas do Decamerão se configura, portanto, neste não-lugar.

A origem do termo utopia na literatura, é, como apresentamos, atribuída a Thomas Morus, em sua obra “A utopia”, escrita no século XVI. A utopia seria uma sociedade imaginária que se situa em uma ilha afastada do continente europeu, em algum lugar do mediterrâneo, que retrata uma realidade de bem-estar social, diferente daquilo que Morus encontrou nas regiões europeias. É verdade que, assim como coloca Martins, tal “contraposição estipulada por Morus, entre correção moral dos desvios do tempo e um mundo ideal, fantástico, perfeito, permanece característica de todas as concepções posteriores de utopia”,<sup>163</sup> mas para além disso, pode ser analisada enquanto categoria de análise de contextos históricos anteriores.

Na Idade Média, Hilário Franco Jr. utilizou-se desta categoria de análise para demonstrar como comportamentos e sentimentos utópicos também poderiam ser encontrados

---

<sup>162</sup> MARTINS, Estevão de Rezende. Utopia: uma história sem fim. In: LOPES, Marcos Antônio; MOSCATELI, Renato (orgs.). Histórias de países imaginários: variedades dos lugares utópicos. Londrina: SciELO-EDUEL, p. 11, 2011.

<sup>163</sup> Ibidem, p. 14.

nos mitos medievais ou em obras literárias do período. Para o autor, existem alguns tipos de utopias que podem ser consideradas ao se analisar o mundo medieval. Com efeito, utilizaremos aqui quatro características relacionadas às utopias medievais levantadas pelo autor para a análise do cenário do Decamerão: A utopia da paz; A utopia-matriz do paraíso; A utopia bucólica e a utopia da abundância.

A primeira, sendo “A utopia da paz: o claustro”, é um tipo de utopia que se inicia, principalmente, a partir de um retiro, circunscrito na delimitação de um tipo ideal de mosteiro. Durante toda a Idade Média, existiram diferentes regras monásticas que tinham o intuito de normatizar a vida monástica estabelecida a partir do claustro e do retiro, já “que determinavam tempo, lugar e condições de oração, trabalho, estudo, sono e alimentação dos monges.”<sup>164</sup> Com as ordens mendicantes do século XIII, surgiria, portanto, uma “nova concepção monástica e uma nova utopia: a da fraternidade.” Como visto, no Decamerão, encontramos este primeiro elemento do claustro, do retiro, da determinação das atividades diárias, mas sobretudo, da fraternidade que os personagens parecem estabelecer durante a estadia.

A utopia do claustro e da fraternidade também estaria muito relacionada à utopia-matriz, para Franco Jr., que seria a utopia-matriz do paraíso:

“De fato, viver em um mosteiro isolado, afastado do contrato cotidiano com outras comunidades, era simbolicamente colocar-se em um jardim no meio da terra árida, para a qual Adão foi expulso. Era vivenciar a relação deserto-Paraíso, tão cara à espiritualidade monástica. Era enfim tentar recuperar o estado natural do homem, a pureza que permitirá a Adão controlar os animais, a perfeição que lhe possibilitava ter a companhia de Deus.”<sup>165</sup>

É possível mencionar ainda, a despeito do Paraíso, a estruturação dantesca do mesmo a partir da Divina Comédia, obra também conhecida por Boccaccio. Dividido em nove esferas celestes, mais o Empíreo, onde está Deus, o Paraíso dantesco possui dez camadas, bem como o Decamerão é composto por dez personagens, numa estadia de dez dias, totalizando, portanto, dez jornadas, cada uma com dez histórias diferentes. Não é intenção do presente trabalho discorrer acerca da perspectiva numerológica de forma ampla, no entanto, é curioso como a primeira esfera celeste no Paraíso dantesco, isto é, a esfera da Lua, também trata acerca da conduta.

---

<sup>164</sup> FRANCO JR, H. Op. cit., p. 15.

<sup>165</sup> Ibidem, p. 115.

Nesta esfera, Beatriz explica a Dante que os “seres dotados de intelecto e amor tendem a se reunir com Deus, embora possam, por serem dotados de livre-arbítrio, desviar desse caminho e voltar-se para a Terra”.<sup>166</sup> Esta primeira esfera, envolvendo os cantos II-IV, diz respeito àqueles que, apesar de possuírem virtude divina, faltaram com o compromisso referente aos seus votos para com Deus. No canto V, a figura de Justiniano aparece relacionada ao “espírito dos ambiciosos”<sup>167</sup>, o que muito se correlaciona à primeira Jornada do Decamerão, considerando as histórias narradas pelos personagens já elencadas anteriormente na presente pesquisa.

Para Franco Jr., na utopia-matriz relacionada ao paraíso, há também uma outra característica marcante que nos interessa: a saúde. “Em seu ar puro não grassavam pestilências”, graças ainda a uma alimentação saudável e às fontes de água fresca, ao contrário das fontes contaminadas da cidade. O autor cita a versão grega da *Vida de Adão e Eva* para dizer que, “descoberta desobediência, Deus atribuiu setenta enfermidades diferentes a Adão, primeiro nos olhos, depois nos ouvidos e assim por diante”.<sup>168</sup> No castelo situado no alto de uma montanha - elemento que também aparece nas utopias do paraíso, uma vez que a montanha configura-se numa posição mais próxima à Deus -, o ar fresco é salientado pelas personagens, assim como os poços de água extremamente fresca.<sup>169</sup>

A terceira utopia mencionada pelo autor que possui uma correlação com o Decamerão é a utopia da simplicidade: o bucolismo. “Na Idade Média, a exaltação da vida no campo, como ocorrera também na Antiguidade, ganhava defensores à medida que a vida urbana se intensificava”.<sup>170</sup> Franco Jr. chega a citar alguns pensadores medievais, como Guibert de Nogent, um abade francês do século XII, ao mencionar que a cidade era “um mundo pecaminoso desestabilizador. Como a primeira cidade fora fundada por Caim (9:Gn 4, 17), todas as demais carregavam essa marca, esse verdadeiro “pecado original” da vida urbana.”<sup>171</sup>

O paradigma Cidade-campo associado aos vícios e às virtudes, como já vimos, parece existir de forma sutil no Decamerão. Franco Jr. salienta que a utopia do bucolismo é uma

---

<sup>166</sup> ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia - Paraíso*; edição bilíngue; tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. 3. ed. São Paulo: Editora 34, p. 13, 2014.

<sup>167</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>168</sup> FRANCO JR., Op. cit., p. 126.

<sup>169</sup> *Idem*, op. cit., p. 41-45.

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>171</sup> *Idem*.

nostalgia “próxima à de Dante Alighieri, ácido em relação à Florença de seu tempo, fortemente mercantilizada, densamente povoada, espiritualmente corrompida”<sup>172</sup>, que conseguimos aferir no Decamerão.

Já a quarta utopia, que seria “A utopia da abundância”, estaria principalmente ligada à fome, “sendo que uma das maneiras mais eficientes de combatê-la era a festa.”<sup>173</sup> Retomamos aqui, novamente, a fala de Pampineia, ao dizer que no espaço encontrado pelos personagens, haverá abundância do que possa ser indispensável: “Ali teremos aquela festa, aquela alegria, aquele prazer que pudermos conseguir, sem ultrapassar, em ato algum, os limites da razão.”<sup>174</sup> As festas, nas utopias medievais, conforme já apontado por Franco Jr., poderiam ser feitas

“[...] de diversas formas: as festas privadas reforçavam a identidade familiar a estreitavam as amizades e as vassalidades, e, portanto, as possibilidades de auxílio mútuo diante das dificuldades; as festas públicas exaltavam os poderes, divinos ou terrenos, locais ou nacionais, laicos ou eclesiásticos, apresentados como capazes de superar as deficiências vividas pela sociedade. Assim, nos dois casos as festas funcionavam como válvula de escape para as tensões políticas e sociais e como redistribuição temporária das riquezas.”<sup>175</sup>

Neste sentido, “a festa arrancava o homem medieval de sua existência medíocre e o lançava no Paraíso, ao qual retornava periodicamente através de “comemorações” diversas.”<sup>176</sup> É assim que, ao retirarem-se (claustro) para este não-lugar que se assemelha ao paraíso, através da normatização e ordenação da vida, os personagens pretendem dissipar do espírito todas as preocupações, utilizando-se do riso numa contraposição ao trauma do castigo divino.

“Como sugere Jean-Claude Aubailly, para o homem medieval rir era um rito catártico, uma espécie de exorcismo das angústias arcaicas, dos medos ligados ao mistério da vida.”<sup>177</sup>

No mais, sendo o “castigo bíblico [...] literal para os medievais, cuja sociedade essencialmente agrária revelava-se extremamente dependente da natureza, nem sempre pródiga”<sup>178</sup>, encontra-se no Decamerão uma relação harmoniosa com o meio e com os

---

<sup>172</sup> Idem.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>174</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 41.

<sup>175</sup> FRANCO JR, Op. cit., p. 27

<sup>176</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>177</sup> AUBAILLY apud FRANCO JR., Op. cit., p. 30.

<sup>178</sup> FRANCO JR., Ibidem, p. 23.

animais, que proporciona a abundância nestas condições. Os campos estão cheios de cereais e existem árvores de mil formas. Encontram-se, além disso, passarinhos a cantar.

A título de comparação, utilizaremos de algumas histórias medievais que possuem esta característica da abundância e foram consideradas por Hilário Franco Jr enquanto narrativas utópicas. O Império de Preste João - um lendário patriarca do Oriente que teria vivido entre os séculos XI e XII nas terras asiáticas com proximidade ao Nilo - é um exemplo desta questão, já que “Além de aquela sociedade ser justa, não conhecer propriedade privada, não praticar roubo, mentira, adultério ou vícios, pode-se dizer que para o homem medieval, o império de Preste João era sobretudo local de fartura, de exuberância da natureza.”<sup>179</sup> Vemos, portanto, uma relação conduta-abundância, que aparece não só em Preste João como na Ilha de Avalon e no País da Cocanha, utopias medievais que se aproximam na utilização destes aspectos, apesar de se diferenciarem nos elementos narrativos. Neste sentido, quase sempre, os locais das utopias medievais, como nos exemplos citados pelo autor, traduzem-se em locais de retiro e abundância.

Avalon, por exemplo, “era conhecida como local belo, puro, cheio de delícias e voluptuosidades. [...] local de igualdade, onde não há nem druidas, nem guerreiros”.<sup>180</sup> Além disso, existia uma forte abundância da natureza “que colocava tudo à disposição de todos. Lá o clima é suave, não há o inverno que provoca a falta de alimentos [...]. O homem medieval, pouco aparelhado para enfrentar os rigores climáticos, sempre ansiava por “um tempo doce e sereno / o vento fraco e agradável / como numa eterna primavera”<sup>181</sup>, como menciona o autor, citando o *Roman de la Rose* ao tratar da Idade de Ouro. A utopia medieval, para Franco Jr., quando associada ao paraíso possuiria, portanto, uma abundância também de elementos que podem ser entendidos como “arquetipos paradisíacos”.<sup>182</sup>

Ainda nesta mesma perspectiva, mas partindo de um resgate mais remoto, Franco Jr. já encontra estes aspectos de harmonia com a natureza na viagem de São Brandão, texto do século VIII, onde o monge irlandês encontra uma ilha que possui “belos bosques e rios, prados floridos, árvores e frutas perfumadas.” Quem ali habitasse, teria tudo o que precisasse. No século XIV, Hilário retoma a escrita de uma nova versão sobre a vida de Santo Amaro,

---

<sup>179</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>180</sup> Idem.

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Idem.



um monge lendário proveniente da península ibérica que teria encontrado o Paraíso Terreno. Após muito caminhar, ele teria encontrado “no topo de uma montanha um enorme castelo, bellissimo e riquíssimo, cujo porteiro lhe informou ser o local procurado”, sendo que lá havia toda a fartura da natureza, com “árvores, flores, ervas, maçãs, laranjas e “todas as outras frutas do mundo”<sup>183</sup>, além do que no seu interior, toda tristeza poderia se converter em alegria.

Além das questões envolvendo alimentação, Hilário tratou também de aspectos como “o igualitarismo, o individualismo, a ociosidade, a cordialidade e a juventude”, como aspectos abundantes em uma utopia medieval, citando o caso da Cocanha, que possui “um fundo psicológico comum, onde está vivo o desejo de um mundo melhor, livre da dor e da necessidade”.<sup>184</sup> Neste sentido, a utopia é para o autor, o retrato “de um mundo às avessas”<sup>185</sup>, que chamaremos na presente pesquisa de mundo ao contrário.

Ao retratar a realidade através de uma crítica social, promovendo a reestruturação dos valores, os personagens de Giovanni Boccaccio estruturaram, portanto, aquilo que Hilário Franco Jr. ao analisar as utopias medievais chamou de “mundo às avessas” ao estudar a Cocanha. Apesar do autor diferenciar a Cocanha do restante das utopias medievais por conta de seu caráter mais popular na construção dos personagens, se utilizando inclusive de um comentário de Boccaccio para demonstrar a ironização das camadas mais abastadas com este tipo de utopia,<sup>186</sup> é bastante perceptível a alusão a um mundo ao contrário no Decamerão, mas não a despeito de uma perspectiva tão expressa acerca de classes sociais merecedoras.

Este cenário se apresenta no castelo onde os personagens do Decamerão estão alocados, enquanto ambiente ideal, regrado, ordenado e hierarquizado, através dos interesses comuns de homens e mulheres virtuosas, que pretendem conservar sua identidade e viver num cenário alternativo ao cenário do mundo devastado, rememorando histórias que os permitiriam acessar a realidade e ao mesmo tempo, reemergir da paralisia que o trauma, a

---

<sup>183</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>184</sup> COCCHIARA apud FRANCO JR., Op. cit., p. 46.

<sup>185</sup> FRANCO JR., Ibidem, p. 47

<sup>186</sup> O autor salientou através que “Boccaccio fala de uma terra “onde as vinhas eram atadas com salsichas, e onde se comprava um pato pelo *preõ* de um dinheiro, com um marreco de contrapeso. Lá igualmente se via uma montanha inteiramente feita de queijo parmesão ralado (...) Próximo dali corria um pequeno rio de vinhete, do melhor que se bebeu em qualquer tempo, sem que houvesse misturada a ele, uma gota de água sequer”, enfatizando que a “intenção do autor era claramente ironizar a ingenuidade do personagem que acreditava em tal relato, “sujeito simples e de hábitos bastante simplórios”, revelando para Franco Jr. um “preconceito pelo caráter popular daquela utopia”. Ibidem, p. 47

partir do catastrófico da peste, os colocou: “Dessa forma, [...] rememorar pode significar também resgatar do esquecimento eventos marcantes, cuja importância se considera fundamental para a subsistência, tanto do grupo quanto de sua ética”.<sup>187</sup>

É a partir da relação entre as categorias conduta e trauma, ou seja, do espaço de experiência da fonte, que questionamos a existência desta utopia, que é o Decamerão, enquanto horizonte de expectativa. É esta “ligação secreta entre o antigo e o futuro” que compõe “a história a partir da esperança e da recordação”.<sup>188</sup> O espaço que Boccaccio descreve a nova morada dos personagens se diferencia fortemente do mundo ao qual pertenciam e acabavam de deixar para trás. Considerando, portanto, o mundo ao contrário, enquanto pilar essencial da utopia medieval, o espaço alcançado pelos personagens é exatamente o oposto daquele que os personagens estavam tentando fugir e se livrar.

Como vimos, no castelo havia comida e não havia escassez, um ambiente harmonioso e não vicioso, havia ordem e não desordem, havia condições para a continuidade da vida e não para a sua exterminação. Tudo a partir do qual se lê na Jornada de Pampinea, fora contado pelos dez personagens em prol do entretenimento instrutivo, e não de decisões precipitadas frente à iminência da morte. Não se viam mortos ou cenas de terror pela cidade, nem se ouviam as lamentações das procissões que se passavam com pilhas de cadáveres, mas se viam belos bosques e grandes decorações.

Entender porque este mundo estava assolado, num contexto de divergências religiosas e peste, condiciona, nesta análise, esta tentativa de reemergir, como salientamos ao final do capítulo anterior, para modificar o que há de vir. Almeida já sugeriu que o Decamerão preconiza a recriação da cidade de Florença e a remodelagem do comportamento dos florentinos.<sup>189</sup> Deve-se salientar novamente, que a proposta de recriação social materializada neste “mundo ao contrário” é permeada por uma heterogeneidade filosófica e cultural que é característica da Idade Média e da condição intelectual e global de seus literatas, constituída através do movimento do saber. Nenhum trabalho que tivemos acesso se preocupou, anteriormente, com a articulação destas questões na obra enquanto partes estruturantes de um

---

<sup>187</sup> REZENDE, Estevão C. Martins de. Memória e experiência vivida: a domesticação do tempo na história. *Antíteses*, v. 1, n. 1, p. 17-30, 2008.

<sup>188</sup> KOSELLECK, Op. Cit., p. 308.

<sup>189</sup> ALMEIDA, Ana Carolina Lima. A recriação de Florença por Giovanni Boccaccio através do Decameron (1349-1351). *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 5, p. 118-131, 2013.

projeto utópico na Idade Média, o que culmina na consideração de perspectivas intelectuais dominadas por um tipo de religiosidade ou outra, e não pela ótica da transculturalidade.

Com isso, queremos dizer que não é somente a partir da experiência cristã de entender o mundo que essa utopia é estruturada, uma vez que tal movimento do saber é, historicamente, parte estruturante da vida do ser humano e os indivíduos medievais não estiveram à mercê de formações exclusivamente cristãs, das igrejas ou do papado. Mesmo que assim tivesse sido, tais formações só existem através da perspectiva da alteridade, pois é em contato com o outro que identificamos o nosso próprio eu.

Concordamos, portanto, com Matthias M. Tischler no que diz respeito à presunção de uma total hegemonização cultural da Idade Média, para a constituição da utopia de Boccaccio. Assim, entenderemos a cultura e os produtos culturais da história, em seu sentido mais amplo, enquanto “um feixe de valores, atitudes e padrões em constante mudança, através da percepção do mundo do outro [...] com o propósito de moldar a própria identidade e memória por meio de práticas materiais e representações, sem preferir os esforços culturais ou intelectuais das elites, desdenhando as atividades mais populares nas áreas da vida humana”<sup>190</sup>, considerando a religiosidade de forma mais específica, enquanto inserida neste vasto arcabouço cultural, como salientou o autor. Neste sentido, optar pela perspectiva transcultural na análise desta utopia é buscar não reforçar “modelos hegemônicos de culturas e religiões. O que é enfatizado, em vez disso, é a importância das assimetrias entre os itens culturais e religiosos, considerando um ponto de vista social e geográfico multifacetado”<sup>191</sup>.

Foi, portanto, nesta sociedade multifacetada que edificamos, enquanto seres históricos, nossas noções de pertencimento, cultura e tradição, ao passo que passamos a nos entender enquanto sujeitos pertencentes a um mundo histórico multifacetado. O que seria da história sem estes encontros e entrelaçamentos? Talvez uma eterna via única, sem rupturas e transformações diárias, a nível dos fatos e contextos de longa duração.

---

<sup>190</sup> “Culture’ thus may be understood in its broadest sense as an ever-changing bundle of values, attitudes and patterns of perceiving the other's world and its modes of affects and embodiments with the purpose of shaping one’s own identity and memory through material and medial practices and representations and without preferring the elites’ cultural or intellectual efforts in disdain of more popular activities in these areas of human life.” In: TISCHLER, Matthias M.. “Academic challenges in a changing world”. *Journal of Transcultural Medieval Studies*, n. 1, vol. 1, p.1, 2014.

<sup>191</sup> “Another far-ranging consequence of the ‘trans’-perspective is that it does not reinforce hegemonies or hegemonic models of cultures and religions; what is emphasized instead is the importance of asymmetries between the cultural and religious items under consideration from a multifaceted social and geographical standpoint.” *Idem*, tradução nossa.

Koselleck afirma que “a doutrina cristã dos últimos fins impunha limites intransponíveis ao horizonte de expectativa - ou seja, até meados do século XVII, aproximadamente -, o futuro permanecia atrelado ao passado”<sup>192</sup>, passado este que determina fundamentalmente o futuro e que separaria o indivíduo medieval do indivíduo moderno. Na perspectiva do presente trabalho, esta afirmação poderia auxiliar na compreensão dos fenômenos históricos, apenas a partir de uma óptica generalista e colonizadora, sendo por isso, anacrônica à Idade Média. Segundo o autor, a “revelação bíblica, gerenciada pela Igreja, envolvia de tal forma a tensão entre experiência e expectativa que elas não podiam separar-se”<sup>193</sup>: Isso se desconsiderarmos, é claro, a interferência de qualquer outra perspectiva religiosa, social, cultural, política e econômica, em espaços a partir dos quais a Igreja não era predominante, questão que não serviria à análise de um medievo interconectado.

Existe ainda na Idade Média, para o autor, uma “oposição entre expectativa cristã e experiência terrena”, sem que uma seja necessariamente refutada pela outra. Nesta perspectiva, não haveria problema nenhum em não atingir o espaço de experiência, pois na sua concepção, “Nada se perdia quando mais uma vez se verificava que uma profecia do fim deste mundo não se realizava”, já que ela poderia ser sempre reiterada.<sup>194</sup>

De maneira geral, não conseguimos partir somente desta perspectiva generalizante para analisar o *Decamerão*. Ainda considerando que, de uma forma ou de outra, Boccaccio resgata elementos cristãos, como os já mencionados anteriormente para a construção de sua utopia, existe um problema social de caráter catastrófico irrompendo neste contexto. Boccaccio parece sugerir, como Dante já o fizera anteriormente, uma modificação dos comportamentos na sociedade Florentina, não apenas garantir a manutenção de seu lugar no paraíso. Neste sentido, também parece existir uma necessidade de mudança terrena iminente, considerando inclusive a razão, e não somente a fé, como elemento essencial nesta mudança.

195

Gregory Claeys, em “Utopia: a história de uma ideia” analisa como, para além do cristianismo e no islamismo, existem paralelos desta concepção, desde o hinduísmo com a

---

<sup>192</sup> KOSELLECK, Op. cit., p. 315.

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 316.

<sup>195</sup> A razão não aparece frequentemente na Jornada de Pampineia, mas como já citado anteriormente, norteia a estadia dos personagens: “Ali teremos aquela festa, aquela alegria, aquele prazer que pudermos conseguir, sem ultrapassar, em ato algum, os limites da razão”. BOCCACCIO, Op. Cit., p. 41-42.

celebração hindu de Holi e na companhia de Vishnu; nos conceitos aborígenes de tempo e espaço que abrangem uma ideia comunal do cosmo; na epopeia de Gilgamesh, no livro dos mortos egípcio, onde Osíris julgaria os pecados cometidos no pós-morte; no budismo, no taoísmo e na mitologia celta. Concepções míticas estas, que, num formato não-ocidental, seja no paganismo ou no cristianismo, oferecem a base para a construção de um pensamento utópico, mas não o definem.<sup>196</sup> Neste sentido, o autor afirma que a “utopia não depende de uma base cristã, nem de uma ideia de paraíso, mas de um conceito de propriedade e sociedade, numa construção específica do comunal, em que pobreza e escassez são evitadas, enquanto se restringem a desigualdade, a ganância e a injustiça”<sup>197</sup>, defendendo o uso global do conceito nos diversos contextos históricos, já que as sociedades “pré-modernas já possuem elementos utópicos em boa quantidade”.<sup>198</sup>

Além disso, a utopia de Boccaccio não é uma morada duradoura e eterna para todos os personagens, e por isso afasta-se do Paraíso neste sentido: o cenário do Decamerão parece servir de inspiração aos personagens que, denunciam através de suas histórias, os fatores fundamentais da corrupção humana e terrena. Leandro Rust sugere que a emergência ou a alternância de forças públicas pode ocorrer, historicamente, através da

“eficiência em orquestrar os sentimentos, em dominar certos repertórios de comunicação dos afetos. Reger as maneiras de reconhecer e expressar as emoções afeta as tramas do poder, pois desloca o campo de oportunidades para legitimar a concentração de riqueza, coerção, prestígio. Esculpida pela lógica e pela razão instrumental, a geografia do público é constantemente talhada pela paixão e pela emoção mobilizadora. Seu traçado é obra conjunta desses dois artesãos: o *logos* e o *pathos*. Conseqüentemente, a emergência pública de uma força social é um processo heterogêneo, aberto a combinações inesperadas entre ideias e condutas, a sobreposições desconcertantes de propósitos e práticas que um observador externo (ou posterior) pode julgar incongruentes, disparatadas e até mesmo sem sentido algum.”<sup>199</sup>

Destarte tal concepção possuir qualquer semelhança com os dias atuais, pode-se também aplicar facilmente ao Decamerão e a proposta de Boccaccio para modificar tais condições terrenas.

---

<sup>196</sup> CLAEYS, Gregory. Utopia: a história de uma ideia. São Paulo: Edições SESC - SP, p. 45-49, 2013.

<sup>197</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> Cf. RUST, Leandro. A Santidade Enfurecida: monges e bispos medievais em uma disputa pelas emoções públicas. Medievalista, Lisboa, n. 28, p. 281, dezembro, 2020.

Tal concepção, como já demonstramos, não está delimitada somente pela Bíblia, mas decorre de debates provenientes da intelectualidade medieval inserida em um movimento do saber. Considerando o movimento do saber também a partir da tradição oral - presente no Decamerão através das histórias narradas pelos personagens - ao contrário de tomar apenas a tradição escrita medieval como verdade absoluta acerca do medievo, é possível modificar e historicizar determinados padrões e lugares-comuns na história que pensamos, por vezes, serem imóveis, de forma a transformar as relações sociais e todo o contexto que as cerca. Ele também ressignifica e traz à tona questões de um mundo que parece tão distante, mas que também pode ser parecido com o nosso, em alguns aspectos, já que é a partir dele que existimos.

Boccaccio utilizou-se deste movimento, conscientemente ou não, em tempos de crise e de medo. Utilizou-se dele enquanto ser humano que só poderia reforçar os padrões condenáveis ou indispensáveis à sociedade, através da circulação de ideias que não pertenciam a um grupo específico ou outro, mas se formavam na intersecção dos cruzamentos culturais e também no seio das disputas sociais através do debate de ideias políticas e religiosas, como podemos verificar através das narrativas dos personagens na Jornada de Pampinéia, mais explicitamente na narrativa de Melquisedeque.

Se a expectativa é “futuro, presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”<sup>200</sup>, sendo ao mesmo tempo “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade”<sup>201</sup>, também conseguiríamos utilizá-la enquanto categoria de análise para entender o tempo histórico de Boccaccio, através do Decamerão. A utopia de Boccaccio é construída a partir da necessidade da presença do futuro, através da crítica moral aos velhos comportamentos e instituições.

Quando a morte iminente ou o fim dos tempos eram aquilo que pareciam os únicos desdobramentos do futuro na constatação de outrem, Boccaccio soube utilizar do riso como forma de regeneração, questão central do trabalho de Amanda Cristina Zattera<sup>202</sup>: “Visto que

---

<sup>200</sup> KOSELLECK, Op. cit., p. 310.

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> Cf. ZATTERA, Amanda Cristina. Uma Análise Histórica sobre o Decameron de Giovanni Boccaccio (1313-1375): Riso e Regeneração. 2014. Monografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

a dor se situa na extremidade oposta àquela em que a alegria se encontra, evidencia-se que os sofrimentos se concluem no instante em que começa a satisfação superveniente”<sup>203</sup>

A satisfação superveniente, no entanto, só é possível através da fraternidade, ou solidariedade somada às virtudes do espírito, que se apresentam no Decamerão, portanto, como forma de transformação da realidade em que se encontra.

Estevão Rezende de Martins acredita que “esperar um mundo melhor ou tentar construí-lo ou alcançá-lo é um dos motores do agir humano.”<sup>204</sup> A partir disso, compreendemos que sem a compreensão de um mundo heterogêneo, não é possível conviver em sociedade, levando em consideração os mecanismos que Boccaccio utilizou para construir sua obra.

Conforme deixamos claro, não se pode idealizar a narrativa, também fruto de seu próprio tempo. No entanto, é curioso verificar como ela ainda aponta para questões latentes: Quando os interesses pessoais se sobressaem ao bem comum, o conhecimento e sua característica matizada dão lugar à imposição e à arrogância. A história nos mostra, no entanto, que nenhuma ideia se desenvolve sozinha, o que significa dizer que o outro também faz parte de nós.

Martins ainda nos lembra de que frequentemente se diz que “a sociedade perfeita, pois, em que haja solidariedade e respeito mútuo, não passaria de uma utopia”.<sup>205</sup> No entanto, ao abandonarmos a perspectiva de uma utopia voltada para o futuro em algum contexto histórico, abandonaremos talvez, junto com ela, a necessidade que os indivíduos deste contexto teriam de agir para o futuro na intenção de melhorá-lo. Tarefa difícil, já que o ser humano, como se sabe, é repleto de desejos, vontades e expectativas.

Compreender a partir de quais elementos se estrutura a utopia de Boccaccio sob os termos do presente trabalho é uma questão latente, pois, em tempos de intolerância, nada parece mais necessário que o debate sobre a heterogeneidade humana a partir do conhecimento histórico. Destarte os valores de seu próprio tempo, também em tempos de crise e individualismo, este conhecimento nos recorda que é preciso saber viver em sociedade, ou, ao menos, questionar o impacto de nossas ações e condutas num mundo que é coletivo.

---

<sup>203</sup> BOCCACCIO, Op. Cit., p. 29.

<sup>204</sup> MARTINS, E. C. R. Op. cit., p. 12.

<sup>205</sup> Idem.

## CONCLUSÃO

Inicialmente, gostaríamos de recuperar a pergunta realizada na Introdução deste trabalho, anteriormente à problemática, a fim de garantir que ela tenha sido, ao menos, parcialmente respondida: “Será que Boccaccio realmente deixaria em aberto, sem nenhuma razão de ser, a temática que inaugura a primeira Jornada de sua obra?”. No que se refere à intenção de Boccaccio, não chegamos a uma conclusão acerca de qualquer intenção consciente no autor, mas aferimos que o Proêmio do Decamerão e histórias narradas pelos personagens utilizam-se da “conduta” enquanto fio condutor da narrativa, mesmo que de forma inconsciente.

Tratando agora da problemática, gostaríamos de reforçar que para respondê-la, cada capítulo deste trabalho teve a intenção de criar uma linha de raciocínio ordenada, à inspiração do Decamerão, já que nosso problema é formado a partir de três perguntas centrais.

Pela perspectiva da fonte, buscamos analisar a sociedade florentina e suas particularidades conflituosas, somadas às condutas pecaminosas e viciosas das autoridades que seriam os componentes que justificam a eclosão da peste. Já a peste, seria, portanto, a presentificação do castigo divino que está presente na consciência histórica coletiva deste grupo através da fé e de sua religiosidade, ao passo que torna-se o elemento que impulsiona a escrita da obra e o movimento dos personagens ao castelo.

O passado, portanto, não seria algo distante, mas uma temporalidade que se repete e se entrelaça constantemente com o “hoje” e que auxilia constantemente na ressignificação do tempo presente. Como vimos, este passado pode ser resgatado e presentificado, sobretudo pela ótica da longa duração, onde a partir da tradição judaico-cristã e do Antigo Testamento, temos um Deus que castiga e impõe através de sua autoridade e do medo, determinados padrões desejáveis de comportamento e obediência dentre as relações sociais e individuais.

A atitude dos personagens de se afastar para fora dos muros da cidade de Florença demonstra a intenção de, “se não afastar completamente o medo para fora de seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que se possa viver com ele”<sup>206</sup> e reconstruir a própria realidade. Como analisamos, ao contar cada uma das novelas, os personagens rememoram

---

<sup>206</sup> DELUMEAU, J. Op. Cit.



histórias de moral, em formato novelístico, com a intenção de instruir sua conduta em contraponto ao contexto social em que estão inseridos. Essas novelas fazem parte da memória individual e coletiva, simultaneamente, pois por se inserirem num contexto de circulação de ideias pela via oral ou escrita, que entendemos enquanto inserido num movimento do saber medieval.

Bem, é através de memórias individuais, que habitam em um tempo e espaço coletivos que se forma uma identidade coletiva, tornando possível a união dessas mulheres e homens que se direcionam ao castelo com um fim objetivo: utilizar-se do passado para dar sentido ao presente, e conseqüentemente, conservar o futuro, impulsionados por diversos os fatores que sejam. Tais histórias tem o intuito de instruir, educar e criar perspectivas de futuro, invés de engessá-las. Na presente pesquisa, verifica-se que as histórias, enquanto artificios de fruição criativa e do prazer, criam perspectivas de futuro e demonstram a necessidade de alcançá-lo, através da perspectiva da fé, especialmente quando os personagens fazem reverências à Deus durante as histórias, já que é a Ele que os personagens recomendam, em suas necessidades, muito certos de serem atendidos, e a fim de que por sua graça, sejam mantidos sãos e salvos nas atribulações presentes. Além disso, o conceito de “razão” também parece vir à tona para especificar uma lógica de comportamento que não beire a transgressão de uma ordem rotineira, demonstrando que é possível a convivência harmoniosa, através de um cenário ordenado.

Nesta perspectiva, o “trauma” demonstrou ser um mecanismo de orientação que justifica o resgate do castigo divino no presente, considerando que a sociedade já havia passado pela catástrofe da peste anteriormente, ocasionando um cenário catastrófico e traumático. Mesmo assim, apesar de estarem diante de um cenário traumático e turbulento, é este mesmo trauma que desencadeia a necessidade de agir para o futuro na reconstrução da realidade. Ao instruir, educar e criar perspectivas de futuro, demonstrando que é possível a convivência harmoniosa, através de um cenário ordenado, relacionando fé e razão, as novelas narradas pelos personagens se apresentam enquanto mecanismos de superação do trauma, que está presente na memória coletiva da humanidade acometida pelas pestes. Por isso, foi através do entendimento do que significava a peste numa perspectiva de longa duração, considerando as categorias de conduta e trauma, que demonstramos como a obra lidou com tal cenário turbulento.

O resgate ao castigo divino e suas ressignificações através da crítica ao próprio *corpus* social e institucional não apresenta uma ruptura com um mundo explicado através da ótica da religiosidade, mas caracteriza, nestas considerações, tentativas explícitas da necessidade de transformação das estruturas sociais que codificam pela linguagem neoclássica de Boccaccio, a realidade social. O contexto histórico e social do próprio período não parece, na perspectiva de Boccaccio, contribuir para mudanças significativas. Dessa forma, a fonte torna explícito a necessidade de mudança, num cenário onde algo deve ser feito. Rememorar o passado, o tornando inteligível no presente para conservar o futuro seria, portanto, uma junção dos tempos históricos na utopia de Boccaccio. Utilizando tais categorias de análise, quem pode garantir que esse fenômeno é genuinamente moderno, como disse Koselleck?

Sendo o trauma uma categoria coletiva e, mais do que isso, carregada de emoção, é imprescindível instrumentalizar as novelas enquanto mecanismos de transformação do futuro. Se entendermos o Decamerão enquanto uma narrativa inserida num período de movimento, de possibilidades, de ressignificações e de mudanças que ocorrem desde a Antiguidade e permeiam todo o período medieval através da ótica da transculturalidade em espaços como os do Mediterrâneo, que sempre proporcionaram o convívio de grupos distintos e provocam fusões e hibridismos culturais, não mais diríamos que anseios, exigências e expectativas são categorias inauguradas somente com o surgimento do “progresso” da história a partir de sua linearidade, como sugeriu Koselleck. Dessa forma, também não partiremos mais do pressuposto que quaisquer necessidades de transformações aceleradas vêm apenas com a modernidade.

Para tanto, gostaríamos de reforçar que os fenômenos sociais devem ser historicizados de acordo com seu contexto, não separados em grandes caixas de períodos históricos como se fossem meramente inaugurados com a chegada de cada um. Ou ainda, como se cada período só demonstrasse rupturas temporais através de grandes acontecimentos políticos. A história tem vieses de continuidades e discontinuidades e devemos falar deles porque são os usos e abusos desses vieses que edificam discursos históricos anacrônicos.

Conforme salientamos no primeiro capítulo, ao preceder as novelas, Boccaccio expôs que, independentemente das causas que tenham sucedido, tudo que o autor se predispôs a narrar, ele não poderia demonstrá-las sem rememoração e se vê forçado a escrever, por isso,

sobre elas.<sup>207</sup> Vemos, portanto, que o horizonte de expectativa do autor, apesar de estar intimamente ligado ao passado, que é rememorado pelas histórias e presentificado no castigo divino, faz, independente disso, uma sátira com este passado e o presente, invés de romantizá-lo e buscar alcançá-lo, como fariam as utopias da cristandade analisadas por Koselleck.

Ao mesmo tempo, a “obrigatoriedade” de expor os fatos, mencionada pelo autor, também reforça a característica da narrativa enquanto testemunha deste trauma coletivo de longa duração. Impulsionados pelo medo e pela iminência da morte, acompanhados das críticas às instituições religiosas por sua dispersão no mundo da fé, os personagens de Boccaccio nos oferecem uma ferramenta para analisar a constituição do “mundo às avessas”, constituído na obra, enquanto uma utopia.

Essa utopia se mostra no castelo enquanto ambiente ideal, regrado, ordenado e hierarquizado, através dos interesses comuns de homens e mulheres virtuosas, que pretenderam conservar sua identidade e viver num cenário alternativo ao cenário do mundo devastado. No espaço que Boccaccio descreve, a nova morada dos personagens se diferencia fortemente do mundo ao qual pertenciam e acabavam de deixar para trás. Considerando, portanto, o mundo ao contrário, enquanto pilar essencial da utopia medieval, o espaço alcançado pelos personagens, além de diferente, encontra-se exatamente no sentido oposto da realidade em que os personagens estavam tentando fugir e se livrar.

Como demonstramos, a relação entre as categorias “conduta” e “trauma”, proporcionam a análise do espaço de experiência de Giovanni Boccaccio e dos contemporâneos da peste. Esta relação desencadeia a construção de uma utopia, que é o Decamerão. Deste modo, a utopia é entendida enquanto horizonte de expectativa, sendo que tal horizonte se formula a partir da necessidade de alterar o futuro que é condicionada às ações humanas, já que tais ações são capazes de reestruturar, coletivamente, determinadas práticas e contextos sociais, como vimos a modo de exemplo pelos personagens. Neste sentido, a relação entre “conduta”, “trauma” e “utopia” impulsionaram a análise de uma temporalidade dinâmica que relaciona passado e presente numa relação constante, em prol da sobrevivência e da manutenção do futuro.

---

<sup>207</sup> BOCCACCIO, Op. cit., p. 29.

Considerando o terceiro ponto que compôs nossa problemática, buscamos identificar qualquer sugestão de como reverter o cenário da peste por parte da fonte. Assim, identificamos na presente pesquisa que analisar o Decamerão enquanto utopia nos ajuda a entender, frente à iminência da morte, como seria possível alcançar um futuro diferente através da modificação do comportamento. Neste sentido, permitindo-nos um salto anacrônico, mas proposital, tornou-se interessante verificar como a Idade Média está tão próxima de nós, ou como alguns problemas se estendem aos dias atuais. Diante de catástrofes naturais, é a conduta do ser humano que parece ser posta em xeque, seja para explicar o que desencadeia tal fenômeno e o que o mantém. O alarde, a preocupação e o medo são elementos que estão presentes a partir do trauma de catástrofes passadas: é aqui, portanto, a memória coletiva e histórica que parece vir à tona. E, não seria, a partir disso, que historicamente questionamos o que fazer, quais hábitos modificar, na intenção de conservar o futuro das iniquidades presentes?

Seja como for, o mundo que construímos posteriormente é resultado dos debates políticos, filosóficos e intelectuais destes momentos catastróficos. Tais debates e suas consequências são, para a presente pesquisa, o produto deste mundo heterogêneo, que não pode ser compreendido simplesmente dentro de caixas separadas, mas analisado sob a perspectiva das vivências e emoções do ser humano no tempo. Neste sentido, foi somente a partir de tais constatações que foi possível desenvolver este trabalho, averiguando uma humanidade dinâmica e suas características a partir da história da Idade Média.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia** - Paraíso; edição bilingue; tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **A recriação de Florença por Giovanni Boccaccio através do Decameron (1349-1351)**. Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 5, pp. 118-131, 2013.
- ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **Os muçulmanos e o quatrocentona de Giovanni Boccaccio**. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia Bomfim; ABRANTES, Elizabeth Souza (orgs.). Nas trilhas da Antiguidade e Idade Média. São Luís: Ed. UEMA, pp. 65-72, 2014.
- ARÊAS, Alcebiades Martins; PRAÇA, Delia Cambeiro. **Reflexões linguístico-literárias em o Decameron, de Giovanni Boccaccio**. Rio de Janeiro: Medievalis, v. 10, n. 1, pp. 50-63, 2021.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BASTOS, Mário Jorge da Motta. **O poder nos tempos de peste (Portugal - séculos XIV/XVI)**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009.
- BENEDICTOW, Ole J. **La peste negra, 1346-1353: la historia completa**. Madrid: Akal, 2011.
- BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerone**; trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Círculo do livro, 1988.
- BONGHI, Giuseppe. **Biografia di Giovanni Boccaccio**. Classici Italiano, 2000. Disponível no primeiro acesso em: [http://www.classicitaliani.it/bonghi/bonghi\\_biografia\\_boccaccio.htm](http://www.classicitaliani.it/bonghi/bonghi_biografia_boccaccio.htm) e posteriormente transferida ao servidor Francesco, disponível em: <http://francesco.serveftp.com/bios/bio0801.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.
- BRANCA, Vittore. **Boccaccio medievale**. 4 ed. Firenze: Sansoni, 1975.
- BURCKHARDT, Jacob. **A Cultura Do Renascimento Na Itália**. Brasília: Editora Unb, 1991.
- CÂNDIDO, Marcelo da Silva. **Entre “Antiguidade Tardia” e “Alta Idade Média”**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História: Maringá, v. 12, n. 2-3, pp. 53-64, 2008.

CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia.** Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

CARMICHAEL, Ann G. The Last Past Plague: The Uses of Memory in Renaissance Epidemics. **Journal of the History of Medicine and Allied Sciences.** 53, 1998, pp. 132-160.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, Thiago Fernando. **A Religiosidade sustentada pelo medo: elementos de mudança no imaginário medieval a partir da peste do século XIV.** Em tempo de histórias, n. 29, pp. 39-57, 2017.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário medieval.** Lisboa: Estampa, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FILHO, Mamed Said Maia. **Entre o Passado e o Presente, a afirmação da memória como direito fundamental.** 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As utopias medievais.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha: várias faces de uma utopia.** Ateliê Editorial, 1998.

GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: séculos XII-XIV.** São Paulo: Unicamp, 2011.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado.** História da Historiografia, Ouro Preto, n. 3, pp. 10-22, 2009.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir.** Contraponto: PucRio, 2010.

HUIZINGA, Johan. **El problema del Renacimiento.** Universidad de Puerto Rico, Facultad de Estudios Generales, Departamento de Humanidades, 1960.

ISIDORO DE SEVILHA. **Etimologías.** (E. bilingue, ed. e trad. de J. Oroz Reta e M.-A. Marcos Casquero, introd. de M. C. Diaz y Diaz). Madrid: BAC, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na idade média.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

- LE GOFF, Jacques. **Para uma outra Idade Média**: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- LIBERA, Alain de. **A filosofia medieval**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- LIBERA, Alain de. **Pensar na idade média**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LISBOA, Armando de Melo. **Economia política aristotélica**: cuidando da casa, cuidando do comum. *Logeion: Filosofia da informação*, v. 4, n. 1, pp. 36-72, 2017.
- LOPES, Marcos Antônio; MOSCATELI, Renato (orgs.). **Histórias de países imaginários**: variedades dos lugares utópicos. Londrina: SciELO-EDUEL, 2011.
- MENETTI, Elisabetta. “Boccaccio e a Fantasia”. São Paulo: **Revista de Italianística**. n. 29, pp. 109-133, 2015.
- MIATELLO, André Luis Pereira. **Relações de poder e bem comum na Baixa Idade Média italiana (séc. XIII-XIV)**. *Anos 90*, v. 20, n. 38, pp. 181-216, 2013.
- MORUS, Thomas. *A utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.
- OLIVEIRA, Paulo César. **Averróis e a Religião do Filósofo**. *Theoria, Pouso Alegre*, v. 8, n. 9, pp. 107-114, 2016.
- ORLANDI, Enzo. **Giovanni Boccaccio**. Lisboa: Verbo, 1972.
- PERNOUD, Régine. *Lumière du Moyen Age*. trad. Manuel de Almeida Gonçalves. **Sintra: Publicações Europa-América**, 1981.
- QUÍRICO, Tamara. **Peste Negra e escatologia**: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. *Revista Mirabilia*, v. 14, n. 1, pp. 135-255, 2012.
- REZENDE, Estevão C. Martins de. **Memória e experiência vivida**: a domesticação do tempo na história. *Antíteses*, v. 1, n. 1, pp. 17-30, 2008.
- RIBEIRO, Daniel Valle. **Igreja e Estado na Idade Média**: Relações de poder. Belo Horizonte: Editora Lé, 1995.
- RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado**: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*, n. 2, pp. 163-209, 2009.
- RUST, Leandro. **A Santidade Enfurecida**: monges e bispos medievais em uma disputa pelas emoções públicas. *Lisboa: Medievalista*, n. 28, pp. 279-310, Julho - Dezembro, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. **Pro-posições**, v. 13, n. 3, pp. 135-153, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, pp. 65-82, 2008.

SILVA, Paulo Duarte. **As Heresias nos sermões de Cesário de Arles**: Pregação e Afirmação episcopal no século VI. *Plêthos*: Niterói, v. 1, pp. 101-124, 2011.

SILVEIRA, Aline Dias da. **Palestra. “O Picatrix e a magia astral na longa duração.”** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 2017.

SILVEIRA, Aline Dias da. **Política e magia em Castela (século XIII)**: um fenômeno transcultural. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, pp. 604-626, 2019.

TISCHLER, Matthias M. Academic challenges in a changing world. **Journal of Transcultural Medieval Studies**, v.1, n.1, pp. 1-8, 2014.

TREMBINSKI, Donna. Comparing premodern melancholy/mania and modern trauma: An argument in favor of historical experiences of trauma. **History of Psychology**, v. 14, n. 01, pp. 80-99, 2011.

TURNER, Wendy J; LEE, Christina. **Trauma in Medieval Society**. Boston: Brill, 2018.

ZATTERA, Amanda Cristina. **Uma Análise Histórica sobre o Decameron de Giovanni Boccaccio (1313-1375)**: Riso e Regeneração. 2014. Monografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.